

OEIRAS EM REVISTA

Inverno '11 } nº 105

Propriedade do Município de Oeiras

Distribuição gratuita / Impressão 0,64€



OEIRAS VALLEY

Na vanguarda da inovação



FICHA TÉCNICA

Director
ISALTINO MORAIS

Direcção Executiva
ELISABETE BRIGADEIRO

Editor
CARLA ROCHA

Textos
CARLA ROCHA
SÓNIA CORREIA
CARLOS VAZ MARQUES
LUÍS MARIA BAPTISTA
RAQUEL CARRILHO
ANA PAULA JARDIM
NUNO CAMPILHO
MANUEL MACHADO

Fotografia
ALBÉRICO ALVES
CARLOS SANTOS
CARMO MONTANHA
LUÍS MARIA BAPTISTA
DIOGO CASTRO GUIMARÃES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO,
ACÇÃO SOCIAL E DESPORTO
DEPARTAMENTO DE PROJECTOS ESPECIAIS

Execução
GABINETE DE COMUNICAÇÃO

Concepção gráfica e paginação
FORMAS DO POSSÍVEL
(www.formasdopossivel.com)

Execução de postais
WHITE RABBIT

Propriedade
MUNICÍPIO DE OEIRAS

Impressão
SOGAPAL

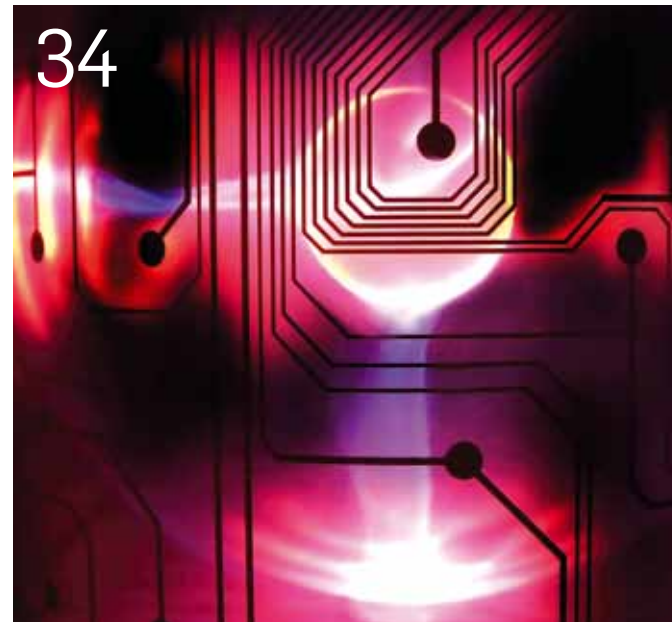
Tiragem
20.000 Exemplares

Registo
ISSN 1646-5970

Depósito Legal
86817/95

Distribuição Gratuita

Contactos
LARGO MARQUÊS DE POMBAL
2784-501 OEIRAS
TEL. 214 408 300
ELISABETE.BRIGADEIRO@CM-OEIRAS.PT
CROCHA@CM-OEIRAS.PT
WWW.CM-OEIRAS.PT



OEIRAS NA VANGUARDA DA INOVAÇÃO



A DOIS



ENTRE NÓS

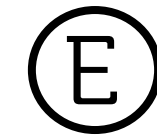


PROJECTOS DA AUTARQUIA

I	INEVITÁVEL	02
D	A DOIS	04
E	ENTRE NÓS	12
P	PROJECTOS DA AUTARQUIA	24
C	CRÓNICA	31
E	ESPECIAL INOVAÇÃO	34
C	CRÓNICA	57
L	OEIRAS TEM LAÇOS	60
©	OEIRAS IMAGINÁRIA	62
I	INESQUECÍVEL	66
A	ARTE DO SABOR	72



Oeiras em Revista galardoada
com Grande Prémio APCE
Excelência em Comunicação



EDITORIAL

Inverno 2011

A ESTRATÉGIA TRAÇADA PARA OEIRAS, ESSENCIALMENTE CONCENTRADA NOS TRÊS CLUSTERS TECNOLÓGICOS, TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, BIOTECNOLOGIAS E TECNOLOGIAS DA SAÚDE E TECNOLOGIAS TROPICAIS, APONTA, EM RESUMO, PARA UM TRABALHO CONJUNTO, EM REDE E ISSO, ACREDITO, FARÁ DE OEIRAS UM CASO SINGULAR NO PANORAMA NACIONAL E UM "PLAYER" COMPETITIVO NUM CENÁRIO MAIS ALARGADO.

Estávamos ainda longe de definir um nome concreto e exacto, quando há décadas atrás começámos aqui, na Câmara Municipal de Oeiras, a delinear uma estratégia de desenvolvimento sustentado que permitisse atrair para o Concelho grandes empresas e instituições, prioritariamente ligadas à inovação e ao conhecimento. Lembro-me de rotularmos esta opção programática, esta visão, por "terciário avançado", à falta de melhor. Diria agora que, para além dessas empresas e instituições, temos também já o nome: Oeiras Valley.

O conceito de Oeiras Valley encontra-se bem definido e circunstanciado nas páginas desta edição da Oeiras em Revista, de onde destaco a entrevista ao Eng. Luís Todo-Bom, Presidente da AITEC Oeiras, a Associação para a Internacionalização, Tecnologias, Promoção e Desenvolvimento Empresarial de Oeiras.

De facto, tomando o sentido das suas palavras, as infra-estruturas já construídas, a sedimentação do conhecimento entretanto adquirido e, fundamentalmente, a capacidade de lhes juntarmos um bem-estar social, alargado ao conjunto da população do Concelho, permitem-nos hoje projectar Oeiras como um Concelho de referência internacional, num horizonte de duas décadas. Temos, assim, consolidada e em fase de franca expansão, uma perspectiva sistémica, onde cada parte é pensada no todo e assume a responsabilidade individual de não falhar perante o conjunto. Conheceremos, por este caminho, um desenvolvimento sólido e continuado, porque a nossa oferta assentará na realidade e só nela, não na capacidade de oferecer, mas na elevada qualidade do que temos para oferecer.

A estratégia traçada para Oeiras, essencialmente concentrada nos três clusters tecnológicos, Tecnologias de Informação e Comunicação, Biotecnologias e Tecnologias da Saúde e Tecnologias Tropicais, aponta, em resumo, para um trabalho conjunto, em rede e isso, acredito, fará de Oeiras um caso singular no panorama nacional e um "player" competitivo num cenário mais alargado. Seremos mais capazes e mais preparados, porque os nossos alicerces foram pensados para tal. Será esta a materialização do que nos propusemos fazer neste ciclo político: a perspectiva de um novo paradigma de desenvolvimento. Imaginando o futuro, fazendo o presente.

Este continuará a ser o espírito de Oeiras, por muitos e frutuosos anos.

ISALTINO MORAIS } Presidente da Câmara



Pedro Cabrita Reis - *Echo der Welt I*, 1993
Colecção Fundação de Serralves, Museu de Arte Contemporânea, Porto



Adrian Schiess - *Marlerei*, 2003
Colecção Fundação de Serralves, Museu de Arte Contemporânea, Porto

OBRAS DA COLECÇÃO DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES VIAJAM ATÉ ALGÉS

LIVRE CIRCULAÇÃO NO CAMB

CENTRO DE ARTE MANUEL DE BRITO - PALÁCIO ANJOS - ALGÉS
A PARTIR DE 20 MARÇO | INAUGURAÇÃO DIA 19 MARÇO PELAS 18H00

Oeiras recebe, mais uma vez, um conjunto de obras da Colecção da Fundação de Serralves. 'Livre Circulação' é o título da exposição que o Centro de Arte Manuel de Brito, em Algés, acolhe já a partir do próximo dia 20 de Março. A mostra, comissariada por João Fernandes, reúne obras de artistas fundamentais das últimas quatro décadas existentes na colecção da fundação sediada na cidade do Porto, redefinindo e cruzando os limites da experiência da arte e dos lugares onde ela é apresentada.

O conceito de circulação, com a sua inerente mobilidade de pontos de vista e de referências por parte do espectador, é explorado a partir de obras que utilizarão sobretudo a escultura, a pintura, o desenho e o vídeo como suporte. A viagem, assim como a barreira, o obstáculo, a fronteira, constituem conceitos dinâmicos que articulam o percurso do visitante no confronto com a especificidade das obras apresentadas. Cada obra é um convite a uma viagem pelo seu próprio universo e pelas associações que permitirá estabelecer no percurso da exposição com as outras obras concomitantes. Nessa medida, determinadas obras propositivas de percursos e acções sobre a natureza e sobre a paisagem surgem associadas a outras onde o lugar que suscitam ou reproduzem convida o espectador ao nomadismo, entre o exótico e o familiar, o próximo e o longínquo.

LISTA DE ARTISTAS A APRESENTAR:

Adrian Schiess, Alberto Carneiro, Alex Hay, Álvaro Lapa, Ana Vieira, Anselm Kiefer, Antoni Muntadas, António Sena, Ângelo de Sousa, Anna Bella Geiger, Bruce Nauman, Damian Ortega, Dennis Oppenheim, De Rijke's / De Rooij, Eberhard Havekost, Fernanda Fragateiro, Fernando Calhau, Filipa César, Francisco Tropa, Gerhard Richter, Gilberto Zorio, Gordon Matta-Clarck, Gregor Schneider, Helena Almeida, Helmut Dorner, Herbert Brandl, Joaquim Bravo, Joseph Beuys, José Pedro Croft, João Tabarra, Juan Downey, Juan Muñoz, Júlio Sarmento, Júlio Pomar, Lothar Baumgarten, Manuel Baptista, Manuel Rosa, Merce Cunningham, Michael Biberstein, Michelangelo, Pistoletto, Miguel Palma, Nam June Paik, Nikias Skapinakis, Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez, Reiner Ruthenbeck, Richard Artschwager, Rigo, Robert Grosvenor, Rui Chafes, Rui Sanches, Runa Islam, Thomas Schütte, René Bertholo, Richard Long, Simone Forti.

CONTACTOS:

Palácio Anjos, Alameda Hermano Patrone, 1945-064 Algés
Tel. 21 41114001 <http://camb.cm-oeiras.pt> | camb@cm-oeiras.pt

ABSTRACÇÃO ARTE PARTILHADA MILLENNIUM BCP

CENTRO CULTURAL PALÁCIO DO EGÍPTO - OEIRAS
19 DE FEVEREIRO A 30 DE ABRIL | TERÇA A DOMINGO | 11H30 ÀS 18H00
ENTRADA GRATUITA

O Centro Cultural Palácio do Egípto, em parceria com a Fundação Millennium BCP, exhibe cerca de setenta obras do abstraccionismo português. Uma selecção cuidada e pertinente que coloca à disposição dos olhares os clássicos do abstraccionismo que irrompeu em Portugal na década de 30.

A mostra - comissariada por Raquel Henriques da Silva - expõe pinturas de alguns dos mais importantes nomes da arte abstracta, obras de uma colecção que o Millennium BCP partilha agora, de forma gratuita, com o público. Esta iniciativa, desenvolvida no âmbito da política de responsabilidade social do banco, integra o ciclo de exposições de pintura Arte Partilhada Millennium BCP, iniciado em Maio de 2009, e com itinerância em Bragança, Aveiro, Évora, Funchal, Porto e Viseu. Através da partilha do seu património e alargando a sua colecção de pintura a novos olhares e novos públicos, o Millennium BCP visa contribuir para o enriquecimento cultural do país. Patente ao público até 30 de Abril, a mostra promete surpreender os visitantes com uma arte geométrica, figurativa e informal.

Visitas guiadas

Sujeitas a marcação prévia

Escolas e grupos organizados

Terça a sexta | 10h00 às 16h00

Famílias

6 de Março e 3 de Abril | Domingos | 15h00

Visitas-jogo para descobrir em família e de forma lúdica e pedagógica as obras em exposição.

Adultos

20 de Março e 17 de Abril | Domingos | 15h00

Para descobrir, ao longo de uma conversa, as obras de alguns dos mais emblemáticos artistas da contemporaneidade.

LISTA DE ARTISTAS A APRESENTAR:

Alfred Manessier, André Lansky, Ângelo de Sousa, António Areal, António Palolo, Arpad Szenes, Artur Bual, Artur Rosa, Augusto Barros, Eduardo Batarida, Eduardo Nery, Fernando Aguiar, Fernando Lemos, Jorge Pinheiro, Júlio Pomar, Júlio Resende, Justino Alves, Luis Demée, Luis Dourdil, Manuel Cargaleiro, Manuel D'Assumpção, Maria Helena Vieira da Silva, Mário Cesariny, Menez, Nadir Afonso, Nikias Skapinakis, Paula Rego, Pedro Casqueiro, Serge Poliakoff, Teresa Magalhães, TOM e Zao Wou-Ki.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Centro Cultural Palácio do Egípto
Tel. 214 408 391 | maria.galvao@cm-oeiras.pt

LUÍS TODO-BOM

OS TALENTOS GOSTAM DE VIVER
EM SÍTIOS TRANQUILOS

CARLOS VAZ MARQUES } *Texto*
CARLOS SANTOS } *Fotografias*

É um gestor com visão de longo prazo. Tem em mãos um projecto que só daqui a duas décadas atingirá a velocidade de cruzeiro. O projecto que, acredita o vai colocar em concorrência directa com os grandes centros tecnológicos da Europa e do mundo. À frente da AITEC Oeiras, a Associação para a Internacionalização, Tecnologias, Promoção e Desenvolvimento Empresarial de Oeiras, Luís Todo-Bom está convencido de que em breve o projecto Oeiras Valley será um caso de estudo e um exemplo para outras zonas do país.

A designação Oeiras Valley deve alguma coisa a uma comparação com Silicon Valley?

É de certo modo inspirado nos outros vales tecnológicos. Toda a gente fala em Silicon Valley mas há outros: Boston Valley, Shannon Valley. O Silicon Valley até é um vale tecnológico especial porque é baseado na tecnologia do silício. O Oeiras Valley tem três clusters e portanto tem essa diferenciação.

Qual é a vantagem competitiva que diria ser a mais importante no Oeiras Valley?

Há basicamente duas vantagens competitivas claras. A primeira é uma base de conhecimento instalada nos três clusters que nós definimos como os clusters aonde vamos actuar: o das tecnologias da saúde, das biotecnologias (Oeiras tem os três institutos de investigação mais significativos de Portugal na área das biotecnologias) e na área das tecnologias da informação, onde - se juntarmos o Técnico, o Tagus Park e de certo modo também a Universidade Atlântica - temos uma base de conhecimento instalada muitíssimo importante. Um aspecto importante é que esta base de conhecimento instalada está de certo modo relacionada com as empresas, não só no Tagus Park como em todos os outros parques empresariais de Oeiras. Finalmente, Oeiras desenvolveu um conjunto de infra-estruturas de suporte e de apoio que fazem com que a qualidade de vida em Oeiras seja de facto muito elevada. Por outro lado, Oeiras tem

uma grande capacidade de atracção de quadros superiores: investigadores, gestores, etc.

O facto de ser o concelho com o maior número de licenciados a nível nacional é relevante, neste contexto?

Licenciados, mestrados, doutorados. É claro que isso tem importância pela elevada base de conhecimento instalada. Mas essa análise é incompleta porque, para além desses quadros nacionais instalados em Oeiras, há um conjunto de quadros internacionais que se localizaram em Oeiras justamente porque existe esta base técnica instalada.

É simultaneamente causa e consequência?

Exactamente. Há aqui um fenómeno bidireccional. Depois há uma outra nota que eu gosto de realçar em relação ao Oeiras Valley e que é a seguinte: um dos segredos da qualidade de vida e do ambiente de tranquilidade que Oeiras Valley tem deriva do equilíbrio social do concelho de Oeiras. É uma variável crítica fundamental. Alguns modelos de competitividade tendem a esquecer esta variável. A concorrência mundial é enorme em relação ao desenvolvimento de unidades de tecnologia e conhecimento intensivo. Os talentos gostam de viver em sítios tranquilos.

Não há nisto tudo um paradoxo com o facto de vivermos hoje num mundo em que a localização perdeu grande parte da impor-



tância que tinha no passado, com o desenvolvimento das comunicações à distância e em tempo real?

Não. O conhecimento está organizado em redes. O que aconteceu nos últimos anos foi que as redes digitais passaram a ter uma importância fundamental. Todos nós hoje vamos à internet todos os dias, obtemos informação, partilhamos informação, integramos redes de conhecimento (não estou a falar das redes sociais, que são um outro fenómeno diferente). As empresas e os investigadores e os quadros que actuam em áreas de grande incorporação de conhecimento e tecnologia, todos eles utilizam as redes digitais. Mas o que se tem verificado é que as redes digitais não substituem as redes físicas.

Ou seja, a localização ainda conta.

Exactamente. Aliás, há um artigo recente do Michael Porter, que saiu na Harvard Business Review, e que diz "location matters", a localização importa. É um artigo em que ele trata justamente este fenómeno e em que diz uma coisa muito interessante: a localização das unidades de conhecimento intensivo ultrapassam os benefícios fiscais e financeiros, etc., para se concentrarem na existência de *clusters* de conhecimento. Ou seja,

o que atrai as unidades internacionais de conhecimento e tecnologia intensiva são pólos físicos de conhecimento. E Oeiras tem de facto vindo a construir alguns muito interessantes.

Há intenção de fazer com que esses diferentes pólos de conhecimento interajam entre si?

O grande objectivo de Oeiras, na área das tecnologias, que é a sua base de envolvimento, é promover o desenvolvimento permanente destes três clusters. Ou seja, termos mais universidades e mais empresas na área das tecnologias de informação e comunicação, na área das biotecnologias e na área das tecnologias tropicais. O nosso grande instrumento de consolidação deste projecto em termos da rede digital é o portal oeirasvalley.com. Nós temos um site, como todas as organizações, o site aitecoeiras.pt, que tem basicamente a informação da AITECOEIRAS. O oeirasvalley.com tem como missão pôr em contacto e estreitar a relação entre as universidades, os institutos de investigação e as empresas dos três clusters tecnológicos. Outro objectivo é estreitar a relação destes clusters tecnológicos com as áreas circundantes. Ou seja, dar a noção às empresas de que vão ter um centro de congressos, um

légio internacional, mais campos de golfe. É este sistema integrado que de facto atrai unidades de conhecimento intensivo para Oeiras.

Como é que essa informação circula: o passa-palavra é importante?

Os investigadores e os tecnólogos são gente muito informada. A promoção, o crescimento e a consolidação de Oeiras Valley passa pela verdade. Oeiras Valley tem de ser de facto uma região com uma grande qualidade de vida e onde estão integradas estas valências. Há dias eu dizia ao senhor presidente da Câmara - um grande amigo, como toda a gente sabe, não estou a divulgar nenhum segredo -, o seguinte: na minha opinião com as actuais restrições orçamentais provavelmente cortava em todas as rubricas menos em duas, as sociais e as da educação. São estas duas variáveis que são fundamentais para a consolidação de Oeiras Valley e para que a região de Oeiras continue a crescer de um modo sustentado, atraindo empresas de alto valor acrescentado, empresas internacionais, etc.

Já antecipou uma questão que eu tinha para lhe colocar: este projecto supõe crescimento e desenvolvimento quando tudo



aponta para o contrário; de que forma é que a crise vai afectar este projecto?

A crise é muito assimétrica. As empresas de alto valor acrescentado, que trabalham em mercados sofisticados com produtos sofisticados estão fora da crise. Aliás, é minha convicção de que a grande maioria das empresas de Oeiras Valley passará razoavelmente bem por esta crise porque essas empresas estão fora do turbilhão. Em compensação, empresas com tecnologias maduras têm mais dificuldades.

O que são tecnologias maduras?

São tecnologias dominadas por um grande conjunto de países e de actores empresariais, que concorrem com os países emergentes. Essas empresas vão ter dificuldades acrescidas. Como é que se faz crescer Oeiras Valley? Primeiro pela verdade. Oeiras tem de continuar a ser uma área de grande qualidade de vida e uma área de integração sistémica entre as universidades, a investigação e as empresas.

O marketing não basta.

Não. Tem de ser verdade. Nós não conseguimos enganar estes actores empresariais. Eles conhecem o mundo todo. Não é possível enganá-los. Aliás, há um exemplo interessante: a Apple eventualmente vai localizar no Tagus Park um centro de apoio aos seus clientes. E eles só fizeram três perguntas: onde está a universidade? onde está a residência de estudantes? e como é que se chega aqui ao Tagus Park? Portanto, cada vez mais é impossível enganá-los.

A decisão está tomada?

Se não está ainda confirmado estará perto disso.

O que é que a Apple vai trazer para Oeiras?

Basicamente, um help-desk, um centro de apoio aos seu clientes.

Um call center?

Não. Será um call center tecnológico, se quiser. É um help desk já com alguma sofisticação de approach aos clientes. Não é uma unidade de tecnologia de ponta, isso não é. De qualquer maneira é uma unidade interessante. Mas nós vamos também fazer uma promoção activa de Oeiras Valley. Vamo-nos integrar nas redes digitais das regiões de localização e conhecimento. Vamos contactar



Os investigadores e os tecnólogos são gente muito informada. A promoção, o crescimento e a consolidação de Oeiras Valley passa pela verdade. Oeiras Valley tem de ser de facto uma região com uma grande qualidade de vida e onde estão integradas estas valências.

as empresas que internacionalmente estão a evoluir e a fazer investimentos nas áreas dos clusters que estamos a desenvolver, portanto nós, AITECOEIRAS, vamos ter uma actividade de promoção internacional muito importante. É nesse processo que teremos dois grandes instrumentos: um instrumento digital que é o portal oeirasvalley.com (que há-de estar no ar muito brevemente) e temos o centro de congressos e exposições, que é um centro municipal onde vamos ter uma postura de atracção de congressos internacionais.

Quando é que o Centro de Congressos vai estar operacional?

Ele já está de pé, como se já se poderá ver. Já é visitável. Em princípio estará pronto no primeiro trimestre do próximo ano. Será inaugurado nessa altura.

Já têm solicitações?

Não por uma razão: porque não fizemos ainda a apresentação comercial do Centro de Congresso e de Exposições. Só a faremos quanto tivermos uma data definitiva de abertura.

Há vertente também importante neste projecto que tem a ver com a ligação aos países africanos de língua oficial portuguesa. Como é que ela se vai desenvolver?

Esse é um aspecto que está a crescer lentamente

mas, espero eu, a crescer bem. Um dos clusters que nós escolhemos foi o das tecnologias tropicais. As tecnologias tropicais são um conceito razoavelmente inovador.

A que é que chama tecnologias tropicais?

No fundo, trata-se da adaptação aos trópicos de todo o tipo de tecnologias.

Dê-me um exemplo.

A medicina tropical. Estamos a falar do tratamento de doenças que são típicas dos trópicos. Quando falamos de zoologia tropical, falamos no desenvolvimento de empreendimentos zootécnicos adaptados ao ambiente tropical. Na agricultura, na silvicultura, na zootecnia há espécies, há formas de regadio, há formas de tratamento claramente diferenciadas. Nos materiais também. Os materiais de construção tropicais são completamente diferentes. Mesmo as técnicas de construção tropicais são outras. Nos trópicos há muito calor e nós aqui temos frio. Há portanto um conjunto de tecnologias que devem ser adaptadas aos trópicos: ao clima, às terras ou ao que for. Nós estamos a desenvolver isso paulatinamente. Infelizmente, Portugal perdeu muito do conhecimento que tinha na área dos trópicos. O Instituto de Investigação Científica e Tropical, que em minha opinião devia ter mais recursos e ser uma entidade capaz de desenvolver mais estudos e mais

projectos, não o tem feito por restrições orçamentais e outras. Depois, criámos na AITECOEIRAS aquilo a que chamámos a Rede Aitecoeiras-África, aonde estamos a beneficiar das geminações que a Câmara Municipal de Oeiras estabeleceu com cidades de Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. Essa é a segunda área. Finalmente, temos vindo a sensibilizar as universidades de Oeiras - a Universidade Atlântica, em que a Câmara até tem uma presença significativa, e o próprio Técnico - no sentido de criarem condições para que estudantes da lusofonia possam vir a frequentar os cursos em Oeiras e possam vir a estreitar a sua relação com Oeiras Valley. De tal maneira que possa haver no futuro uma relação mais intensa entre a região de Oeiras e regiões mais desenvolvidas nos vários países lusófonos.

Essa vertente parte de uma vocação especial sua para essa aproximação à África que fala português?

Sim. Tem algo a ver com a minha sensibilidade. Como sabe, eu nasci em Angola e a minha mãe também já lá nasceu, portanto eu já sou uma segunda geração de angolano. Mas não só. A própria Câmara de Oeiras fez um trabalho exemplar ao nível das geminações e ao nível até das cumplidades que estabeleceu com os países tropicais. O que nós estamos a fazer na Aitecoeiras

é a consolidar esta relação e a consolidá-la na base do conhecimento. A minha perspectiva é a de que as relações duradouras são suportadas no conhecimento e na afectividade. É isso que vai fazer perdurar as relações entre os povos. Os angolanos que estudaram em Portugal nunca mais se esqueceram de Portugal.

Isso não competirá ao Estado central mais do que a município?

A AITECOEIRAS é uma agência de desenvolvimento local em que o associado maioritário é a Câmara Municipal de Oeiras e que tem depois as empresas da região. Tenho a ambição de que Oeiras Valley seja uma realidade e um sucesso para que este modelo possa ser replicado noutras regiões. Tenho muita pena que não haja um Lisboa Valley ou um Tagus Valley. Mas pode vir a haver. Nada impede que este conceito se alargue. Lisboa está a tentar posicionar-se - e a meu ver bem - como uma cidade de congressos e de eventos internacionais. Tudo bem. No fundo é também uma forma de internacionalização da região de Lisboa.

Entende que a concorrência de Oeiras é em primeira instância com Lisboa?

Não. O que nós definimos na AITECOEIRAS é que Oeiras está em competição internacional. Oeiras está em competição com Barcelona, com Dublin... Está em competição com um conjunto de outras regiões europeias que têm esta perspectiva de desenvolvimento de base tecnológica.

Isso é dizer que Lisboa é um competidor menor, neste contexto?

Lisboa não se preparou nesse sentido. O Tagus Park devia ser o parque da região de Lisboa. Na verdade, o Tagus Park é o parque da região de Oeiras. Essa é que é a verdade. Lisboa não escolheu um modelo de desenvolvimento suportado em unidades de conhecimento. E é pena porque tem universidades excepcionais. Basicamente são as universidades que constroem esse conhecimento.

Isso não aconteceu por um erro de estratégia da política autárquica, no seu entender?

Por opções ou por omissões, não sei. Não me compete a mim analisar isso. Agora, o problema que se põe é: mas Oeiras tem dimensão crítica para jogar este jogo internacional? Para já esta-

mos a tentar que tenha e a verdade é que Oeiras conseguiu atrair um conjunto exemplar de unidades empresariais internacionais. Estão todas em Oeiras. O objectivo, no fundo, é não as deixar fugir e alimentar este fluxo e tentar fazê-lo crescer. Se aparecerem outras regiões interessadas, se Lisboa se associar a este programa, eu acho isso ótimo.

De que modo é que poderia haver uma parceria?

Não tem de haver parceria. Teria de haver co-operação, ajuda mútua. Como sabe, as áreas metropolitanas infelizmente não funcionam. A AITECOEIRAS, que é uma agência de desenvolvimento municipal, o que devia ser era uma agência de desenvolvimento da área metropolitana de Lisboa. Isso é que faria sentido. Com outra dimensão, com outra capacidade técnica, com outra capacidade de afirmação.

Houve falta de vontade política para que isso pudesse acontecer?

Não há entendimento. Isto teria de ser feito ao nível da área metropolitana e a área metropolitana não funciona. Porquê? Porque nenhum dos autarcas quer perder a sua autonomia. Julgo que vai haver um dia em que vai funcionar. Até porque as necessidades de coordenação ao nível dos transportes, da educação, etc., são tais e tantas que isso vai acabar por obrigar a que as áreas metropolitanas funcionem. Esta é a minha visão. Quando isso funcionar não se perde nada em termos um embrião que começou a fazer coisas e a desenvolver projectos com uma óptica internacional baseado em Oeiras.

Vê o seu papel, salvaguardar as diferenças de escala, como o equivalente para o conselho de Oeiras do Dr. Basílio Horta a nível nacional?

Não. De modo nenhum. Aliás, devo dizer-lhe uma coisa: a AICEP Global tem feito um excelente trabalho. A AICEP tem uma missão de atracção de investimentos global para Portugal, de desenvolvimento de missões empresariais para todo o tecido empresarial português. Nós não temos isso. Nós temos uma agência de desenvolvimento local que tem uma visão e uma missão muito claras: a ideia de que o desenvolvimento é suportado em unidades de conhecimento intensivo de

base tecnológica. A pergunta que pode ser feita é: e porque é que vocês fazem isso? A resposta é simples: porque podemos. A AICEP Global pode fazer isso? Não pode. Portugal está longe de ter uma base empresarial instalada de empresas de tecnologia intensiva.

Em todo o caso, ambos estão a tentar atrair investimento.

É. Mas a AICEP Global tem um problema muito difícil de resolver, na minha opinião. Portugal não tem instrumentos de atracção de investimento estrangeiro. Ou tem poucos. Portugal não é fiscalmente competitivo, não é territorialmente competitivo e não é laboralmente competitivo. A competitividade fiscal, laboral e territorial é negativa em relação a um conjunto de outras regiões. Portanto a AICEP tem de conviver com isso. O investimento estrangeiro suportado em unidades de tecnologia intensiva, que foge a esta lógica competitiva e que se suporta em clusters de desenvolvimento, tirando Oeiras praticamente não existe em mais região nenhuma em Portugal.

Oeiras também sofre com essa desvantagem competitiva do país ao nível fiscal, territorial e laboral?

Sofre. Mas sofre sobretudo nas empresas que não são de tecnologia intensiva. Estas ultrapassam isso. E ultrapassam porquê? Porque é mais importante para os seus modelos de competitividade a proximidade de unidades de conhecimento do que um incentivo fiscal ou um incentivo laboral. Para além de que, repare, uma empresa que contrata quase exclusivamente mestrados, doutorados e licenciados - tecnólogos - é quase indiferente à legislação laboral. São unidades de trabalho muito qualificado onde as relações laborais são completamente diferentes de unidades de trabalho intensivo como o têxtil, o calçado, etc.

O que é que pode correr mal com o projecto Oeiras Valley?

Eu julgo que nada pode correr mal. O problema que se põe é que não se deve, na minha opinião, tentar acelerar o ritmo de atracção e de consolidação de Oeiras Valley. Tem de se resistir à pressão. Como diz o povo, a pressão é má conselheira. Em todo lado. Mas aqui ainda é pior. E deve-se resistir à tentação de promover o que não existe. Isso é crítico. Nós estamos a falar de entidades com



uma enorme quantidade de conhecimento. Elas têm de sentir que aquilo é verdade. Esse é o grande desafio. A verdade e a qualidade intrínseca de cada elemento que constitui o Oeiras Valley. De cada vez que um dos elementos degrada a sua qualidade prejudica todo o sistema. De cada vez que um dos elementos aumenta a sua qualidade melhora todo o sistema.

Há um efeito de osmose na relação entre os diversos elementos.

Os sistemas são terríveis, sabe. A teoria dos sistemas é dramática. A evolução de cada elemento do sistema altera o sistema no seu todo. E altera os sub-sistemas, sobretudo. Portanto, o que é que pode correr mal? Que as várias unidades do sistema comecem a degradar a qualidade, porque isso afecta todo o sistema. O nosso trabalho é também um trabalho de vigilância da qualidade global.

A AITECOEIRAS tem poderes para evitar que essa degradação aconteça?

Nós não mas a Câmara Municipal tem. Nós somos os defensores intransigentes da qualidade e da vocação internacional das várias organizações.

Cabe à AITECOEIRAS um papel de certificação.

Emitiremos alertas às várias entidades que têm de garantir a qualidade de cada elemento do sistema.

Qual diria que é neste momento a maior debilidade do sistema?

O sistema neste momento está muito equilibrado e devo dizer-lhe que não tenho nenhuma particular preocupação. Eu diria que a variável crítica é o equilíbrio social.

Quando é que prevê que o projecto Oeiras Valley esteja em velocidade de cruzeiro?

Daqui por vinte anos.

Só?

Só. Daqui por vinte anos Oeiras Valley existirá no mapa, será conhecido e respeitado. Antes disso, não tenhamos pressa. Não é muito tempo. O país há-de existir daqui por vinte anos. }



ANTÓNIA LIMA

UMA MULHER NOS COMANDOS
DO PLANEAMENTO, URBANISMO
E HABITAÇÃO DE OEIRAS

CARLA ROCHA } *Texto*

CARLOS SANTOS } *Fotografias*

Antónia Lima é arquitecta e talvez este facto justifique o sentido de estética apurado que demonstra ter no dia-a-dia. Pelos corredores da Câmara Municipal de Oeiras ela salienta-se, seja por ser uma mulher no poder, ou pela beleza e calma que emana à sua passagem. O tempo parece ser seu fiel amigo. Quanto à calma, na entrevista percebemos que é uma forma de estar como quem está infinitamente bem consigo e com os outros. Directora Municipal de Planeamento, Urbanismo e Habitação tem na sua alçada três departamentos: Departamento de Projectos Especiais, Departamento de Habitação e Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística. Sobre ela recai a dinâmica e estética do urbanismo, das nossas vilas, das nossas ruas. A ajudá-la tem cerca de trezentos funcionários. A sua direcção tem por missão assegurar o desenvolvimento estratégico do concelho através de iniciativas de planeamento com incidência no território, na rede urbana, nos sistemas de mobilidade e acessibilidade, no património ambiental e construído e no perfil funcional e empresarial do concelho, ou seja, grande parte do que é visível no território tem a sua mão. Seus departamentos são de grande cuidado para a edilidade. A Habitação foi um dos mais importantes dos anos 80 e 90. Hoje, o paradigma é outro. Mudam-se os tempos mudam-se as políticas, mas sempre com vista à cada vez melhor condição de vida dos seus munícipes.

Sei que vive em Oeiras, mas nasceu cá?
Não, nasci em Lisboa. Sou alfacinha de gema. Estive em Lisboa até aos meus 17 anos e a partir daí vim para Oeiras.

E porquê arquitectura? Influência de alguém?
Não fui influenciada por ninguém...

Sentia que era a sua vocação?
Eu confesso que não gosto da palavra 'vocação', mas senti, aí por altura dos meus 14 anos que o que queria ser era arquitecta. Também temos de ver que nessa altura as possibilidades de escolha eram mais reduzidas, logo era mais fácil.

E nessa altura não era um curso maioritariamente masculino?
Por acaso na minha altura devíamos de estar meio por meio. Devo ter entrado na zona da viragem de curso maioritariamente masculino para curso misto. No entanto éramos, no total, muito poucos. Não era um curso muito escolhido. Lembro-me perfeitamente que no liceu os que queriam entrar neste curso perfaziam uma equipa de futebol, ou seja, éramos onze. Na fa-

culdade, após entrarmos, éramos trinta e poucos. E com o curso acabado saímos muito menos, creio que uns vinte no total.

O que é que a apaixonava na arquitectura?
Quando comecei a trabalhar comecei a trabalhar à escala mais pequena, de pormenorização e tendencialmente fui chegando ao planeamento. Ao fim de dois anos, estava a fazer, quase a 100%, planeamento. Ou seja, fazia muito pouca arquitectura e muito urbanismo. Inicialmente fui encaminhada por mero acaso e gostei tanto que a partir daí foi o que fiz ao longo de toda a minha vida profissional até aos dias de hoje.

E foi pelo 'planeamento' que entrou para a câmara?
Exacto. Saiu num jornal uma oferta de um lugar para alguém fazer planos. Concorri e entrei.

Mas antes esteve no privado a trabalhar?
Sim, aliás foi ainda no privado que fiz a transição entre arquitectura e planeamento. Trabalhei oito anos no privado. Formei-me em 1972 e entre esse ano e 1980 estive sempre no mesmo sítio, ou seja, trabalhei no atelier do arquitecto

Tomás Taveira. Após esses oito anos estive mais oito como profissional liberal e só depois entrei para a câmara, em 1988, para a divisão de gestão urbanística para fazer planos de pormenor. Havia uma série de planos de pormenor para serem feitos e eu fui fazê-los.

Ou seja, está na câmara há 22 anos, o que quer dizer que entrou quando estava tudo a ferver?

Exacto. O presidente Isaltino tinha entrado há relativamente pouco tempo e colocou tudo a mexer de uma forma surpreendente e tornou o trabalho em algo muito estimulante. Era fazer, fazer... era uma produção verdadeiramente espectacular. Depois, creio que em 1990, há uma nova alteração da orgânica e eu passo a coordenar, entretanto, a Divisão de Planeamento, depois passo a chefe de divisão, em 2000 passo a Directora de Departamento e em 2003 passo para Directora Municipal.

E o facto de ter feito um percurso consolidado sempre na mesma área, sente que se chega ao topo mais preparada?
Plenamente. E isso é bom para mim e para toda



a equipa porque sabem que podem falar comigo e que eu falo com eles utilizando a mesma linguagem. E isso facilita muito o trabalho.

Os finais dos anos oitenta e os anos noventa foram, nesta autarquia, de grande dinâmica, de muito trabalho. Como vê o seu trabalho nestes dias que correm um pouco mais calmos?

Eu acho que há sempre muito para se fazer. Nós tivemos um grande impulso no planeamento, em projectar o futuro e agora estamos com uma grande carga de gerir o que se projectou e de gerir o futuro. Com a revisão do Plano Director e as novas realidades obriga-nos a uma estratégia completamente nova. Houve uma viragem na habitação e há, acima de tudo, um peso muito grande da gestão para o futuro. Por isso, continua-se num ritmo muito estimulante.

Ou seja, estamos num novo paradigma e tem

de se repensar o que até aqui foi o caminho.
Completamente.

Quando olha para o concelho vê como ele é ou como será no futuro?

Um olhar não exclui o outro, ou seja, vejo-o como ele é mas também como será ou gostaríamos que fosse no futuro. Tem de ser as duas coisas, porque há patologias que existem e que nos sabemos que existem e que têm de ser sanadas e isso exige os dois olhares.

Por exemplo?

Ainda há muita coisa para reabilitar. Algumas em que, enquanto autarquia não temos muita capacidade de intervenção, mas temos de arranjar alguma forma de levar os particulares a envolverem-se nesse processo.

Mas como podem incentivar os particulares a revitalizar o seu património? Normalmente não o fazem por questões financeiras.



Eu acho que há sempre muito para se fazer. Nós tivemos um grande impulso no planeamento, em projectar o futuro e agora estamos com uma grande carga de gerir o que se projectou e de gerir o futuro.



Sim, são sobretudo problemas de ordem financeira, mas quando o património tem interesse de ordem pública a câmara tenta adquiri-lo, no entanto há muito património que não tem esse interesse e nesses casos a autarquia procura apoiar os particulares para a sua valorização.

Mas de que forma dá esse apoio?

Dando, por exemplo, todo o apoio técnico.

Relativamente à Habitação, não sente que muitas vezes há demasiada dependência da câmara por parte da população?

Sim, muitas vezes as pessoas exigem e acham que a autarquia tem a obrigação de resolver todos os seus problemas relativos à habitação. Sabe que a habitação é um mundo muito complexo, muito mesmo. Cheio de realidades distintas. Há um segmento da população extremamente carente e que é o menos visível. Às vezes aparecem-nos pessoas numa situação muito frágil, para ter ideia, muitas ganham menos do que aquilo que têm de pagar numa renda por um quarto, por exemplo, e isto com agregados familiares. Mas muitas dessas situações são escondidas, são situações de pobreza envergonhada e essa aparece pouco. Depois há a outra situação onde o discurso é: «a câmara tem obrigação de me dar casa». E isso vê-se muito nas reuniões de câmara. O problema dos desdobramentos, famílias que se desentendem entre si e querem separar-se e exigem mais uma casa, ou, por exemplo, deu-se casa aos pais e os filhos, que entretanto cresceram e constituíram família, também exigem uma. Temos, também, novas realidades, famílias monoparentais, novos desempregados, ou seja, pessoas que tinham uma situação favorável e porque ficam desempregadas entram numa situação complicada. E estes últimos, são novos problemas e são problemas reais. A habitação é um mundo complexo, mas que aqui em Oeiras estamos atentos às novas realidades e tentamos combater os novos problemas.

E com a crise financeira em que vivemos, desconfio que estas novas realidades, como lhe chama, estejam, dia após dia, a aumentar?

Estão. Por exemplo, sentimos uma grande diminuição de pedidos de aquisição de casas, porque não conseguem financiamento para pagar a par-



Temos apartamentos mobilados para fazer face às situações de grande emergência. Temos essa preocupação, e mais do que isso, temos essa resolução, até porque são situações que de quando em vez nos surgem e não podemos dizer: ah, fiquem só hoje e amanhã debaixo da ponte que depois resolvemos o seu problema!

te que lhes é devida. E deixe-me dizer-lhe que nos sentimos bastantes impotentes por não conseguirmos responder a tudo, mas o nosso maior trabalho é priorizar as situações mais graves.

Ou seja, passamos de uma situação mais física, que era a construção de casas, o deitar a baixo as barracas...

Para um problema social.

Quantos funcionários tem a sua direcção municipal?

Tenho duzentos e vinte e cinco funcionários divididos por três departamentos.

E esta é uma Direcção que tem um grande contacto directo com os municípios, seja na habitação, seja nos licenciamentos.

Sim, nós, pela natureza desta Direcção, estamos logo no primeiro embate com os municípios.

E como se lida com as exigências, as vontades, os desejos de toda uma população?

Creio que é algo que se aprende a lidar. Temos de apreender a absorver os problemas das pessoas, tentar ajudar na sua resolução ou revolvê-lo na sua totalidade. Se pensarmos bem, pode ser difícil por um lado, mas também é gratificante por outro.

Mas imagino que seja difícil gerir expectativas?

É difícil, mas não impossível e com o tempo conseguimos obter a melhor maneira de ajudar a limar essas mesmas expectativas. E neste campo

tenho de dizer que aprendi imenso com o senhor presidente. Temos reuniões de planeamento desde sempre e aí aprende-se muito na gestão das expectativas.

E há muitos pedidos que são camuflados.

Não podemos ter esse preconceito. E há muitos técnicos, principalmente os mais novos, que têm essa ideia: estão a pedir isto mas querem aquilo. E isso não é bem assim. Temos de perceber o que as pessoas querem e entendê-las da melhor maneira possível.

E as situações que vos aparecem de emergência imediata têm fogos no vosso parque habitacional para fazer face a essas necessidades?

Temos apartamentos mobilados para fazer face às situações de grande emergência. Temos essa preocupação, e mais do que isso, temos essa resolução, até porque são situações que de quando em vez nos surgem e não podemos dizer: ah, fiquem só hoje e amanhã debaixo da ponte que depois resolvemos o seu problema!

Não têm sido construídos novos equipamentos habitacionais, embora estejam alguns na calha. Como fazem a gestão do parque habitacional?

Há várias movimentações do nosso parque habitacional. Por exemplo, incumprimentos de pagamento de renda. Atenção, mesmo nestes casos somos muito flexíveis: se a pessoa não paga a renda a Câmara entra em contacto e tenta negociar e

ajuda a fazer planos de pagamento da dívida; se as famílias resolvem sair da casa porque arranjam outra, ou mudaram-se de cidade, ou seja, este conjunto que fica liberto é que nós temos gerido de forma a conseguir dar resposta aos nossos pedidos que temos registado no observatório.

Dos três departamentos que estão sobre a sua alçada, qual o que lhe dá mais dores de cabeça?

Nenhum me dá dores de cabeça, mas posso dizer que o DPE – Departamento de Projectos Especiais, é aquele que é menos dependente até pela sua própria natureza. O Departamento de Habitação já trabalha sobre uma base pré-estabelecida, porque trabalha com normas aprovadas previamente pela câmara e depois tem toda uma rotina já feita de gestão social, de construção e manutenção do parque habitacional. O Planeamento, por natureza, porque é mais subjectivo e mais abrangente faz com que tenha mais intervenção da minha parte.

Mas em termos financeiros são os DPE e o DH que mais gastam?

Sim, sem dúvida. Eu costumo dizer que tenho um departamento que corresponde à receita e dois à despesa (risos).

E com os cortes que tem de haver, onde é que vai cortar? O que é que vai ser mais penalizado com a crise financeira que vivemos?

Uma coisa não é penalizada de certeza absoluta: os projectos e os planos. A sua execução é que foi



reprogramada no tempo. Não se acaba com nada o tempo de execução é que será diferente.

E assim sendo têm de definir prioridades para a execução?

Sim, claro.

Mudando de assunto, há pessoas que se queixam da morosidade das licenças que pedem...

Isso era antigo. De momento estamos com prazos muito aceitáveis na atribuição das licenças. Agora são excepção as situações que são demoradas.

E voltando a dar uma volta de 180 ° e a pedido de muitas pessoas amigas, faço-lhe a próxima pergunta: porque não há licenças para discotecas no concelho? Ou seja, porque motivo Oeiras não tem uma única discoteca? Corre o rumor que é porque a autarquia não dá permissão.

Tivemos uma experiência que correu muito mal no complexo da piscina Oceânica onde, agora, funciona um restaurante. A verdade é que estamos num concelho com pessoas muito exigentes. Aquele era um sítio bom mas teve problemas de funcionamento. Podem perguntar porque não uma discoteca nos centros históricos, no Palácio do Egipto, no mercado? Por causa do ruído. Mesmo

ao nível dos cafés nós temos imensas reclamações.

Ou seja, a falta de estabelecimentos de diversão nocturna não se prende com uma política da câmara?

Não, de todo. Aliás, se fizer a mesma pergunta ao senhor presidente ele dir-lhe-á que está farto de ir a Cascais ou ir a Lisboa quando quer ir a uma discoteca. Ou seja, tem a ver com a exigência de sossego por parte da população e não preconceito por parte da autarquia.

O que faz para relaxar dos dias mais complicados?

Desligo, pura e simplesmente desligo. É algo que consigo fazer muito bem, assim que saio daqui, assim que fecho a porta, acabou o trabalho para mim nesse dia. Bem, nem sempre é assim tão linear e tenho alturas em que chego a casa a reflir, mas no geral consigo gerir bem as situações. Nesta altura da minha vida confesso que por mais que fique algo a remoer, já nada me tira o sono.

No seu dia a dia de trabalho, o que tem mais dificuldade em gerir?

Tenho dificuldade em gerir urgências que muitas vezes são minudências. Aprendi há uns anos, que o melhor que tenho a fazer é dedicar a primeira hora do dia a despachar urgências e se assim o

fizesse elas já não me incomodavam para o resto do dia. E tenho feito isso mesmo e tenho-me dado muito bem (risos).

E fazendo uma auto-análise, é uma chefe com bom ou mau feitio?

Eles dizem que tenho bom feitio porque não dão por mim quando estou zangada e isso é muito raro. E nunca levanto a voz e creio que só descobrem porque fico com má cara (risos).

Aqui da sua janela temos vista privilegiada para um prédio, no centro histórico, para arrendamento para uma faixa jovem. Como está a decorrer o programa de habitação jovem?

É um programa que decorre bem, mas que é muito demorado. Por exemplo, este prédio aqui em frente: primeiro temos a fase inicial que é a negociação do prédio. Ou melhor, vamos mais atrás, primeiro temos de andar sempre atentos e verificar se há algum prédio que esteja em condições de ser adquirido. Depois temos de negociar a compra do mesmo. Normalmente são prédios que ainda possuem um ou dois agregados familiares que temos de ter o cuidado de realojar. De seguida temos de fazer o projecto e como é sabido é mais barato deitar a baixo e fazer de novo do que recuperar, que é o que fazemos. Há um caso ou dois no Dafundo que será por construção nova porque já não é possível recuperar, mas regra geral o que fazemos é recuperar. Ou seja, temos de ter o projecto de reabilitação, criar as condições de habitabilidade. Há uma parte que é feita no Departamento de Projectos Especiais, ou seja, a parte inicial do projecto e depois, tudo o que seja projecto de execução é contratado fora o que nos obriga ao procedimento da contratação. E de seguida o procedimento da adjudicação. E isto no seu conjunto demora tempo. Mas está-se a fazer e está-se a mudar o rosto dos centros históricos.

Estes prédios que vemos com as lonas estão em que fase?

Esses que vemos com as lonas estão todos comprados e em fase de projecto. E temos prontos para lançar obra para este ano de 2011.

A atribuição dos fogos é demorada?

Não.

E tem havido muitos jovens interessados no programa Habitação Jovem?

Muitos, muitos mesmo e que vão criar uma dinâmica especial nestas zonas habitacionais. Mas atenção, no centro histórico de Oeiras já começa a haver, por iniciativa própria, muitos jovens a comprar casa e a querer vir para aqui viver. Já se nota uma dinâmica muito interessante.

A arquitecta fala com tanta emoção e garra sobre o seu trabalho que eu questiono se algum dia vai conseguir estar reformada?

Ai vou, vou (risos)! Arranjo outros interesses. Não estou a contar o tempo, nem de idade nem tempo de serviço, mas quando não me apetece mais ou quando achar que já não estou a fazer nada, vou embora. E vou nem que seja para tratar dos meus netos.

Vivendo aqui em Oeiras é uma pessoa que, naturalmente promove o seu concelho?

Promovo e muito. Mostro-o a toda a gente. Levo as pessoas a verem a Fábrica da Pólvora que é lindíssima, o Parque dos Poetas... ainda aqui há tempos levei um amigo do meu filho ao Castro de Leceia e ele ficou encantado com o espaço. Ah e promovo o vinho de Carcavelos, claro. Adoro viver em Oeiras.

Enquanto arquitecta qual ou quais as obras que vão de encontro à sua estética?

É muito difícil salientar uma ou duas, mas por exemplo, acho que a reabilitação do Palácio do Egipto uma obra que vai de encontro ao meu gosto, sem sombra de dúvida. É uma peça arquitectónica no coração de Oeiras.

E por fim tenho de lhe perguntar o segredo de envelhecer tão bem?

Acha? (risos) Podia dizer que era por não levar trabalho para casa, ou por conseguir desligar-me dos problemas, mas a haver algum segredo só pode ser a família maravilhosa que tenho.

E há lá maneira mais deliciosa de acabar uma entrevista? A esta respondo eu: não. }

O ORÇAMENTO DA DMPUH, FOI DE 22 MILHÕES €, EM 2010, E É DE 17 MILHÕES €, EM 2011.

Parque Habitacional Municipal existente em números:

- Nº Total de Fogos Promovidos - **5.612**
- Nº de Fogos p Venda Directa - **1.625**
- Nº de Fogos p Arrendamento - **3.987**
- Nº Conversões de Arrendamento em Venda - **565**
- Nº Total Fogos do PHM existente - **3.422**
- Nº Edifícios propriedade da CMO - **297**
- Nº Edifícios propriedade mista - **148**
- Nº Total Edifícios PHM existente - **445**

PARQUE MUNICIPAL EM PROJECTO DISTRIBUI-SE POR VÁRIOS PROGRAMAS:

CDH em Tercena do CDH de Leceia - 160 fogos destinados a famílias carenciadas, já adjudicados pela CMO que aguardam certificação e aprovação pelo IHRU;

Construção de edifício em S. Marçal - 40 fogos destinados a jovens, Carnaxide, lançamento do Concurso Público de Empreitada de Obra Pública após contratualização do respectivo financiamento pelo município.

Construção de edifício no Casal das Chocas - 17 fogos destinados a jovens, lançamento do Concurso Público de Empreitada de Obra Pública e início da obra após a contratualização do respectivo financiamento;

Requalificação Urbana do Casal do Deserto - 228 fogos para famílias carenciadas, idosos e jovens, serviços e comércio em Porto Salvo; Lançamento do Concurso Público de Projectos

Projecto no Art.º 409 do Casal das Chocas - 90 fogos para famílias carenciadas, lançamento do Concurso Público concepção de Projectos

Projecto da Unidade Residencial do Palácio Restani em Queluz de Baixo - 30 fogos para idosos e Centro de Dia,

Projecto de edifício no Parque da Junca, Linda-a-Velha - 16 fogos destinados a jovens

Projecto de edifício da Quinta das Acácias em Carnaxide - 27 fogos para jovens

Projecto de edifício no lote adjacente à Quinta dos Aciprestes em Linda-a-Velha de 12 fogos e Centro de Dia

Projecto de edifício na "Mama Sul em Carnaxide - 64 fogos e equipamento para jovens

Reformulação do Alvará de Loteamento do Pátio dos Cavaleiros para construção de 20 fogos para famílias carenciadas.

Total de fogos previstos nestes programas - 704

O Programa de Habitação Jovem nos Centros Históricos tem por objectivo a disponibilização de 300 fogos até ao ano de 2015.

O Município, através do Departamento de Projectos Especiais, já adquiriu 20 imóveis em 6 núcleos Históricos do Concelho, totalizando praticamente 50% dos fogos programados, dos quais 8 se encontram concluídos, 4 no Centro Histórico de Oeiras e outros 4 no de Paço de Arcos.

Actualmente, encontra-se em obra o edifício da Vila Shore situado no Centro Histórico do Dafundo, correspondendo a 8 fogos pertencentes ao programa, a serem reabilitados, de forma a serem utilizados para realojamento dos residentes nos edifícios confinantes, possibilitando assim a recuperação dos restantes edifícios.

Em 2011 estão previstos para lançamento de concurso cerca de 25 fogos e a aquisição de mais 2 edifícios. Relativamente aos restantes edifícios a reabilitar, encontram-se em fase de projecto.





MALANGATANA Valente Ngwenya

(N. 1936 M. 2011)

Artista plástico e poeta moçambicano

PENSAR ALTO

Sim
às marrabentas
às danças rituais
que nas madrugadas
criam o frenesi
quando os tambores e as flautas entram a fanfarrar

fanfarrando até o vermelho da madrugada fazer o solo sangrar
em contraste com o verdurar das canções dos pássaros
sobre o já verduzido manto das mangueiras
dos cajueiros prenes
para em Dezembro seus rebentos
dançarem como mulheres sensualíssimas
em cada ramo do cajual da minha terra
mas, sim ao orgasmo
das mafurreiras
repletas de chiricos
das rolas ciosas pela simbiose que só a natureza sabe oferecer

mas sim
ao som estridente do kulunguana
das donzelas no zig-zague dos ritos
quando as gazelas tão belas
não suportam mais quarenta graus à sombra dos canhueiros em flor

enquanto as oleiras da aldeia, desta grande aldeia Moçambique
amassam o barro dos rios
para o pote feito ser o depositário
de todo o íntimo desse Povo que se não cala disputando
ecoosamente com os tambores do meu ontem antigo.

Malangatana

Na foto, Malangatana com o presidente
da Câmara Municipal de Oeiras, Isaltino Morais



OS PRIMEIROS TIJOLOS DE UM PROGRAMA AMBICIOSO

CENTROS HISTÓRICOS COM JUVENTUDE

RAQUEL CARRILHO } *Texto*

DEPARTAMENTO DE PROJECTOS ESPECIAIS
DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS } *Fotografias*

Integrado no Plano Estratégico Habitar Oeiras, e depois de concluída a primeira geração de políticas municipais de âmbito habitacional, ganha relevo o Programa Habitação Jovem nos Centros Históricos. Não obstante a estratégia de recuperação e revitalização dos centros históricos abranger as demais freguesias do concelho, as primeiras intervenções foram realizadas nos corações da vila de Paço de Arcos e da vila de Oeiras e concluídas, respectivamente, em 2006 e 2010. Estes edifícios, numa escala concelhia, representam os primeiros tijolos de uma construção que, embora inacabada, promete continuar – não fosse Oeiras reconhecida pelas suas políticas habitacionais! –, zelando pela preservação e renovação do tecido social destes núcleos seculares

O PRIMEIRO TIJOLO...

AV. PATRÃO JOAQUIM LOPES Nº 9

Gestor: GTL Arquitecta Ana Cerqueira
Arquitectura: Arquitecto Nuno Couto

Área Bruta de Construção: 425 m²
Nº de Fracções Inicial: 3 Fogos
Nº de Fracções Final: 4 Fogos
Valor de Reabilitação: 150.000,00€

Paço de Arcos foi a freguesia inaugural! Em pleno Centro Histórico da vila, mais precisamente na Av. Patrão Joaquim Lopes n.º 9, localiza-se o primeiro edifício reabilitado no âmbito do Programa Habitação Jovem. A intervenção foi concluída em 2006. Este edifício é constituído por três pisos – um piso térreo com garagem e com acessos à habitação e outros dois pisos com uma área de cerca de 80m² cada –, aos quais se soma um sótão com, sensivelmente, 40m².

Sendo que os objectivos do Programa passam por criar fogos de menor dimensão, projectou-se, neste caso, criar dois por piso, estruturados a partir do patim da escada ampliado, para permitir o acesso cómodo às habitações. Assim, em cada piso, um dos fogos é constituído por um espaço comum com 25m² e uma instalação sanitária com 7m²; e o outro, por uma sala com 16m², uma cozinha com 14m² e uma instalação sanitária com 4m². No sótão foram implementadas quatro arrecadações, atribuídas a cada uma das fracções.

As alterações projectadas incluíram, em primeiro lugar, pequenas demolições de troços de paredes de alvenaria, das bancadas de cozinha e das instalações sanitárias e, em segundo, a execução de paredes divisórias interiores, novas instalações sanitárias e a colocação de novas bancadas de cozinha.



Antes



Depois



O SEGUNDO TIJOLO...
RUA CÂNDIDO DOS REIS Nº 51

Gestor: GTL Arquitecta Ana Rocha
Arquitectura: Arquitecto Nuno Couto

Área Bruta de Construção: 255 m²
Nº de Fracções Inicial: 3 Fogos e uma Loja
Nº de Fracções Final: 2 Fogos e uma Loja
Valor de Reabilitação: 148.000,00€

O Centro Histórico de Oeiras foi o segundo a ser alvo das intervenções do Programa. Sito no Núcleo de Oeiras na Rua Cândido dos Reis nº 51, encontra-se o edifício cujas obras de recuperação foram concluídas em Março de 2010.

Contíguo a este imóvel encontrava-se um outro em muito mau estado de conservação e devoluto, na Travessa de Santo António, pelo que se decidiu anexar os dois edifícios com o intuito de viabilizar uma intervenção mais sustentável. Assim, o projecto previu a ocupação dos dois lotes, demolindo o imóvel da Travessa Santo António e recuperando as fachadas do edifício da Cândido Reis nº 51. Concomitantemente, temos dois elementos formais arquitectónicos distintos: o edifício antigo recuperado, vocacionado para habitação, e a nova intervenção dedicada a circulações comuns e pátios privados.

Houve desde cedo, e em cumprimento do Programa Preliminar, a preocupação de criar um espaço comercial como factor de dina-

mização do tecido comercial da zona. Para o efeito, reservou-se o piso térreo, com entrada pela Rua Cândido dos Reis, passando o acesso às habitações a ser feito através da Travessa Santo António. Conforme os objectivos do Programa, optou-se por criar tipologias de pequenas dimensões: dois T1, com entrada pela sala/kitchenette, acedendo-se a um corredor de distribuição para o Quarto e a Instalação Sanitária. A entrada para os apartamentos é efectuada através de escadas exteriores, transitando-se depois para um pátio particular de apoio a cada um dos fogos (o pátio do 2º piso é de dimensões menores, de forma a permitir a entrada de luz para o piso inferior).

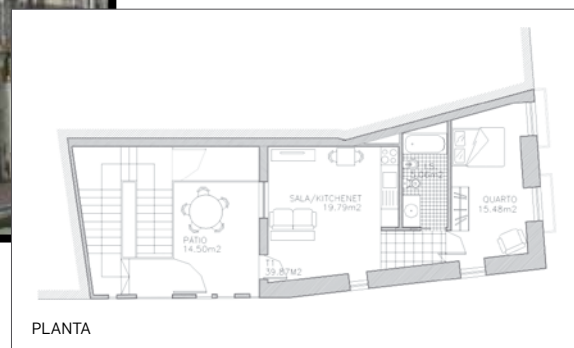
No que respeita aos acabamentos optou-se por materiais que permitem salvaguardar a memória do edifício, essencialmente na vertente de recuperação. No interior prevaleceu a escolha de materiais actuais que se adaptam aos futuros ocupantes, sendo resistentes e facilmente integráveis na vocação do Programa Habitação Jovem. }



Antes



Depois



PLANTA

OS PRÓXIMOS TIJOLOS DO PROGRAMA HABITAÇÃO JOVEM

UM PROGRAMA CONDUZIDO POR TRÊS OBJECTIVOS PRIORITÁRIOS:

1. Reabilitar o património edificado;
2. Revitalizar o tecido social;
3. Promover a arquitectura de qualidade que funcione como motor para futuras intervenções de iniciativa pública ou privada

OEIRAS

Rua Cândido dos Reis N.º 174

Gestor: GTL Arquitecta Ana Rocha
Arquitectura: Arquitecto Pedro Cabral

Os centros históricos representam a génese da ocupação urbana do território, fazendo a síntese das nossas referências, valores, vivências e necessidades. No entanto, quer a degradação física do seu edificado quer o envelhecimento gradual do tecido social, evidenciam a urgência de uma metodologia estratégica de acção, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das populações. A reabilitação, mais do que um simples desejo, é uma exigência dos dias de hoje como referencial para o desenvolvimento socio-económico e físico da cidade bem como para a preservação da nossa identidade cultural, social e patrimonial. Com base num estudo exaustivo destes núcleos de formação



ALÇADO



PLANTA



EDIFÍCIO A REABILITAR

Área Bruta de Construção: 500 m²
Nº de Fracções Inicial: 7 Fogos
Nº de Fracções Final: 7 Fogos
Valor de Reabilitação: 616.000,00€



PROJECTOS PARA 2011

histórica, dos seus principais problemas e carências, foi definida uma estratégia de intervenção que assenta numa gestão global e integrada do território e na implementação de um conjunto de projectos e acções que visam a reabilitação e revitalização destes núcleos históricos, quer ao nível dos espaços públicos e dos edifícios, quer ao nível das infra-estruturas. Nesta estratégia, a criação de Gabinetes Técnicos Locais, implantados nos próprios núcleos, assume um papel fundamental, funcionando como interlocutores privilegiados entre o município e a população.

Este Programa visa fomentar a construção de habitação, através de intervenções no património edificado, por forma a permitir e incentivar a fixação de jovens e contrariar a tendência de envelhecimento que se tem vindo a verificar no concelho.

A metodologia adoptada passa pela aquisição de imóveis degradados e devolutos, preferencialmente de reconhecido valor histórico e patrimonial, com vista à sua reabilitação e adaptação a novos padrões de conforto e habitabilidade. A selecção dos imóveis a adquirir resulta



Este Programa visa fomentar a construção de habitação, através de intervenções no património edificado, por forma a permitir e incentivar a fixação de jovens e contrariar a tendência de envelhecimento que se tem vindo a verificar no concelho.

PAÇO DE ARCOS

Rua Costa Pinto N.º 196

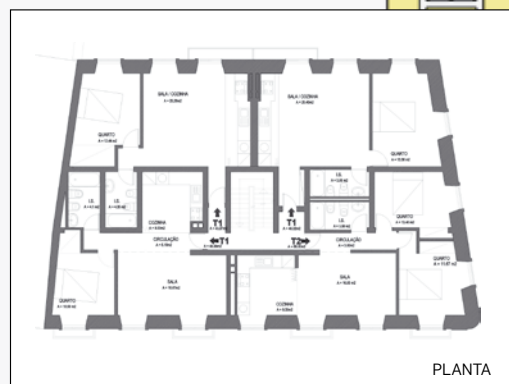
Gestor: GTL Arquitecta Teresa Alves
Arquitectura: Arquitecto Nuno Couto



EDIFÍCIO A REABILITAR



ALÇADO RUA COSTA PINTO



Área Bruta de Construção: 1000 m²
Nº de Fracções Inicial: 5 Fogos e 2 Lojas
Nº de Fracções Final: 12 Fogos e 2 Lojas
Valor de Reabilitação: 974.000,00€

OEIRAS I

Rua Marquês de Pombal N.º 3, 5 e 7

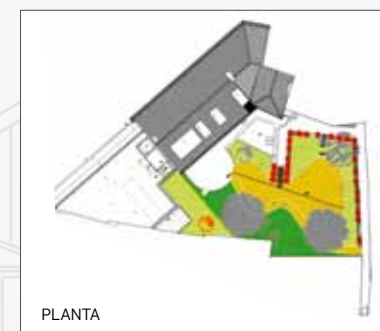
Gestor: GTL Arquitecta Ana Rocha
Arquitectura: Arquitecto Eduardo Costa Gomes



ALÇADO RUA CÂNDIDO DOS REIS ALÇADO RUA MARQUÊS DE POMBAL



EDIFÍCIO A REABILITAR



Área Bruta de Construção: 800 m²
Nº de Fracções Inicial: 1 Fogo e duas Lojas
Nº de Fracções Final: 12 Fogos e duas Lojas
Valor de Reabilitação: 1.419.000,00€

da aplicação de três critérios específicos, a qualidade arquitectónica do edifício, o valor de aquisição versus valor da reabilitação e a sua percentagem de ocupação. Pretende-se dotar o município de um parque edificado com fogos de tipologias pequenas (T0 e T1) com vista ao seu posterior arrendamento a jovens com idades até os 35 anos, garantindo a rotatividade e permanência de uma nova população nos Centros Históricos.

Até ao momento, foi viabilizada a compra de 21 edifícios (num total de 83 fogos), dos quais três já se encontram reabilitados – dois deles no Centro histórico de Oeiras e um outro no Centro Histórico de Paço de Arcos –, totalizando oito fogos. Estima-se que uma parte significativa dos edifícios por reabilitar comporte fogos com tipologias de grandes dimensões (T4, T5 e T6), prevendo-se que, após a sua reabilitação/alteração, dêem origem a 130 fracções com tipologias mais pequenas, maioritariamente T0 e T1.

Como meta estima-se que até 2015 a autarquia promova a edificação/recuperação de 300 fogos na área dos Centros Históricos.



PROJECTOS PARA
2011

PAÇO DE ARCOS

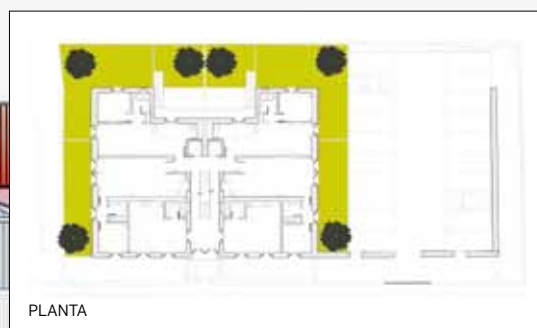
Travessa de Vila Longa N.º 3 e 5

Gestor: GTL Arquitecta Teresa Alves
Arquitectura: Archos Cidade

EDIFÍCIO
A REABILITAR



Área Bruta de Construção: 2400 m²
Nº de Fracções Inicial: 12 Fogos
Nº de Fracções Final: 32 Fogos
Valor de Reabilitação: 2.442.000,00€



CARNAXIDE

Largo Pátria Nova N.º 8

Gestor: GTL Arquitecta Ana Martins
Arquitectura: Arquitecto Pedro Cabral

EDIFÍCIO
A REABILITAR



Área Bruta de Construção: 158 m²
Nº de Fracções Inicial: 1 Fogo e 1 Loja
Nº de Fracções Final: 3 Fogos
Valor de Reabilitação: 187.000,00€



O VIAJANTE

Ana Paula Jardim

Licenciada em Filosofia (apj.aletheia@gmail.com)

O viajante está feliz. Nunca na vida teve tão pouca pressa. Senta-se na beira de um destes túmulos, afaga com as pontas dos dedos a superfície da água, tão fria, tão viva e, por um momento, acredita que vai decifrar todos os segredos do mundo. É uma ilusão que o assalta de longe em longe, não lho levem a mal.¹

A vida só sucede quando deixarmos de a entender.²

Agora que o Inverno chegou e a *Festa* se anuncia nas ruas, nas luzes, no barulho, na agitação, instala-se uma *pressa voraz*, um *desassossego* feito de gente e de multidões... É a vida povoada de pessoas que circulam, *apressadas*, entre *lugares familiares e não familiares*, entre os *amores*, os *amigos*, os *inimigos*, os *conhecidos*, entre o *trabalho*, o *lazer*, as *compras*, as *festas*, os *filhos*, as *alegrias*, as *euforias*, as *tristezas* e as *melancolias*, entre as *exigências*, os *projectos* e as *tarefas* por realizar...

Circulam entre *cá e lá*, numa correria desenfreada, permanentemente atrasados, permanentemente atarefados... Já não se pensa, nem se sente, só se circula...

O viajante está cansado... A cidade febril apaga-lhe a memória, torna-o parte integrante da paisagem urbana, anónima e massificada. A memória é, sem dúvida, de todas as nossas bagagens, a mais pesada que um viajante leva consigo. E também a mais preciosa, a que menos está disposto a perder.

Todos somos, por isso, um pouco herdeiros desse *Abraão mítico* que deixou a sua casa, a *sua parentela* e partiu rumo ao desconhecido, à *terra prometida*... A sua bagagem vai repleta de expectativa, de esperança... Ser filho de *Abraão* é, por isso, *ser viajante*, responder a um *chamamento*, dar início à viagem, tornar-se um estranho...

Conta a *estória* que o maior perigo que Ulisses encontrou na sua longa *Odisseia*, não foi o *Ciclope*, nem foram as *Sereias*: foi a flor consumida pelos *Lotófagos*. A *flor do loto*, a flor do esquecimento que apaga a memória e faz esquecer a *pátria*. Quando se torna demasiado pesada, o *viajante* entrega aos outros uma parte do peso, partilhando as suas lembranças, contando suas viagens... Se ele sente necessidade de escrever relatos, partilhar páginas da sua vida não é só por medo de esquecer, mas para aliviar a sua bagagem, libertar espaços, acolher novas lembranças e tornar possíveis novas viagens... Por isso, de tempos a tempos, o *viajante* regressa ao lugar de origem, à sua *Ítaca*... Ao território familiar...

Agora que a *época é de Festa* e que cada um de nós está de volta

a casa, importa parar e saborear o tempo. Sem pressas... Retirar pequenas coisas da mala de viagem. Reencontrar cheiros e lugares, rostos conhecidos e ficar...

Eu regresso a Coimbra, à minha cidade, à margem esquerda do *Rio Mondego*, quieto e eterno, ao *casario branco* na encosta que se desenha no meu olhar... Avisto o *Convento* erguido e resgatado das águas... Tão novo e imponente... Tão estranhamente recente, convidando-me a entrar e decifrar os sinais de outros tempos, outras gentes...

Mas a minha memória teima em regressar ao espaço familiar de um *Convento* em ruínas, mergulhado na água do rio que insiste em não o libertar, guardando no seu leito tudo o que há para contar...

Um *Convento* silencioso, plácido e misterioso... Habitado pelas sombras, pelo abandono do tempo, pelo passado perdido... Escondendo no seu interior submerso inúmeras *estórias*, que também são as minhas, inúmeras viagens ainda por relatar...

Essas *estórias* falam de *monjas*, falam de *Isabel* e das *Rosas*, de *Pedro* e *Inês*, falam de mim e de ti, de amigos ausentes e de outros de quem nunca ouvi falar...

Pelos meus olhos espregueira a *linda Inês posta em sossego*, observando a cidade, separada pela margem esquerda do rio... Também ela é *uma viajante* habitando *um lugar* que não lhe pertence...

Passeia pela brisa de uma tarde longínqua, nas imediações de um *Convento* perdido na voragem do tempo. Espera por Pedro... agitada, exaltante e feliz... *Do seu príncipe ali lhe respondiam, / As lembranças que na alma lhe moravam (...)* / *De noite em doces sonhos, que mentiam, / De noite em pensamentos, que voavam. / E quanto enfim cuidava, e quanto via, / eram tudo memórias de alegria...*

¹ SARAMAGO, José. Outros Cadernos de Saramago

² COUTO, Mia. Jesusalém. Lisboa: Caminho, 2009. P.

³ CAMÕES, Luís Vaz. *Os Lusíadas*. Canto III. Estrofes 120 a 121. Lisboa: Círculo de Leitores, 1984. p 137.


Texto escrito em Dezembro de 2010



EUNICE MUÑOZ

Homenagem a Eunice Muñoz, no âmbito da comemoração do Dia Mundial do Teatro – 27 de Março de 2011.

Em 22 de Fevereiro de 1997 Eunice Muñoz viu o seu nome ser atribuído ao Auditório Municipal de Oeiras.



ESPECIAL INOVAÇÃO

OEIRAS NA VANGUARDA DA INOVAÇÃO

Qual o segredo do desenvolvimento de uma freguesia, de uma concelho ou até mesmo de um país? Qual a face invisível geradora do crescimento detectável a olho nu quer por munícipes quer por visitantes, nacionais ou estrangeiros? Certamente não há uma receita aplicável a todas as unidades administrativas... No País das Maravilhas, o Chapeleiro avisou Alice: “Se não sabes para onde queres ir, qualquer caminho te serve”. Oeiras sabe que chegou onde chegou porque estudou cada passo e delineou criteriosamente o seu percurso; e sabe que caminha, a passos largos, para um verdadeiro “Oeiras Valley”! Estabelecimentos de ensino superior, instituições de I&D, pólos de negócios que agregam numerosas empresas de base tecnológica e de investigação – eis as unidades de conhecimento intensivo que electrificam a nossa malha concelhia.

RAQUEL CARRILHO } *Texto*
GABINETE DE COMUNICAÇÃO } *Fotografias*

AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Dotado de uma rede de estabelecimentos de ensino de excelência, Oeiras não esconde a importância primordial que a educação ocupa nas opções estratégicas do concelho, bem como não oculta o orgulho de ser o Melhor Município para Estudar, no âmbito da iniciativa "Prémios de Reconhecimento à Educação 2010". Desde estabelecimentos de pré-escolar a estabelecimentos de ensino superior, a oferta existente no concelho assegura um percurso educativo de referência aos seus munícipes. Num esforço contínuo de se reinventar, iniciado há mais de dois decénios, Oeiras destaca-se como o concelho com maior número de licenciados e doutorados do país.



FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA

Localizada na Freguesia de Cruz Quebrada - Dafundo, no coração do Estádio Nacional, a FMH tem por objectivo principal o Desenvolvimento Humano, através da motricidade, pelo estudo do corpo e das suas manifestações na interacção dos processos biológicos com os valores socio-culturais. Actualmente, a Faculdade está aberta a um conjunto de áreas que interessam a amplos sectores da sociedade – o Sistema Educativo, o Sistema Produtivo, o Sistema Desportivo, o Sistema Artístico e o Sistema de Reabilitação. Dispõe de um Centro Interdisciplinar de Estudos da Performance Humana (CIPER), onde são desenvolvidos vários projectos de investigação financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.



ESCOLA NÁUTICA INFANTE D. HENRIQUE

Localizada em Paço de Arcos, junto à Estrada Marginal, a Escola Náutica Infante D. Henrique faz jus à sua proximidade ao mar e impõe-se como um moderno complexo de estudos náuticos. É uma escola de ensino superior politécnico público, tutelada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e vocacionada para a formação de Oficiais de Marinha Mercante e quadros superiores do sector Marítimo-Portuário nas áreas da Intermodalidade, Gestão e Logística.



UNIVERSIDADE ATLÂNTICA

A Universidade Atlântica iniciou as suas actividades lectivas em 1996, sob administração da E.I.A. – Ensino, Investigação e Administração S.A. e constituída por professores universitários, investigadores, instituições financeiras, grupos institucionais, empresas de serviço e de estudos e pela Câmara Municipal de Oeiras. Actualmente, as suas vertentes de ensino e investigação incidem em quatro áreas estratégicas: Ciências Empresariais, Saúde, Tecnologias de Informação e Comunicação, e Território, Ambiente e Desenvolvimento. A Universidade beneficia de um Instituto de Investigação Científica e Tecnológica (IICT), vocacionado para a promoção e apoio de actividades de investigação científica e tecnológica, para o aproveitamento de sinergias, para o estímulo da transdisciplinaridade das formações científicas dos docentes e investigadores e para a difusão do conhecimento produzido.

INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

Fundado em 1911, o Instituto Superior Técnico assume-me como um Instituto centenário! O seu mais moderno campus foi concluído em 2009 e insere-se no Parque de Ciência e Tecnologia Taguspark, onde se prevê, também, a construção de uma residência universitária. A sua missão é contribuir para o desenvolvimento da sociedade, promovendo um ensino superior de qualidade nas áreas de Engenharia, Arquitectura, Ciência e Tecnologia, nas vertentes de graduação, pós-graduação e formação ao longo da vida; bem como desenvolvendo actividades de Investigação, Desenvolvimento e Inovação (ID&I), essenciais para o progresso do conhecimento e para ministrar um ensino ao nível dos mais elevados padrões internacionais



Qualificação Académica dos Munícipes, em 2001:

23% com ensino superior, a mais elevada do País | 4% sem nível de ensino, a mais baixa do País | 64% com escolaridade obrigatória.

AS INSTITUIÇÕES DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Geradoras de conhecimento, as instituições I&D do concelho conquistaram uma crescente projecção internacional. A investigação científica, tão subvalorizada em território nacional até ao último quartel do século XX, foi progressivamente ocupando um lugar de destaque, sendo, actualmente, um dos motores de desenvolvimento estratégico do concelho de Oeiras. Em 2001, foi criado o primeiro dos Laboratórios Associados (LA), uma parceria entre o IGC, o ITQB e o IBET, onde a eficaz reunião de competências o tornaram num pólo científico de excelência.



IGC – INSTITUTO GULBENKIAN DE CIÊNCIA

Fundado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1961, o IGC comemora cinquenta anos de existência. Situado no campus de Oeiras, o IGC é hoje um dos principais centros de investigação e ensino pós-graduado em Ciências Biomédicas. A sua missão consiste em identificar, acolher e incubar novas lideranças científicas e em oferecer programas internacionais de ensino pós-graduado. Dispõe igualmente de um forte grupo teórico (Estudos Avançados de Oeiras), de uma biblioteca, de serviços de bio-computação, de um biotério, de um separador de células de alta velocidade, de um microscópio electrónico, de dois microscópios confocais, de sequenciação de DNA e “genopatinagem”, de tecnologia Genechip™ e de um laboratório com grau de biosegurança de nível 3. Foi considerada a oitava Melhor Instituição Internacional para Pós-doutorados Trabalharem.



ITQB – INSTITUTO DE TECNOLOGIA QUÍMICA E BIOLÓGICA

Desde a sua fundação, em 1989, o ITQB tem vindo a conquistar e consolidar a sua posição enquanto Instituto de referência no panorama científico internacional. Inserido na Estação Agronómica Nacional, localizada em Oeiras, o ITQB dispõe actualmente de 64 laboratórios, distribuídos pelas cinco principais áreas de investigação: Química, Biologia Química, Biologia, Ciência de Plantas e Tecnologia. Trabalham neste Instituto da Universidade Nova de Lisboa mais de 500 pessoas, incluindo investigadores estudantes, pré e pós-graduados, e pessoal dos serviços de apoio à investigação.

IBET – INSTITUTO DE BIOLOGIA EXPERIMENTAL E TECNOLÓGICA

Criado em 1989, o IBET é a maior instituição sem fins lucrativos na área da investigação biotecnológica em Portugal, funcionando com interface entre instituições académicas e empresas. O Instituto assume como sua a missão de fomentar a competitividade dos seus clientes e sócios, gerando conhecimento nos domínios da Química, da Bioquímica e da Biologia. Esse conhecimento tem aplicação em diferentes áreas, tais como o Ambiente, a Farmacêutica, a Saúde, a Agro-indústria e a Indústria Florestal.

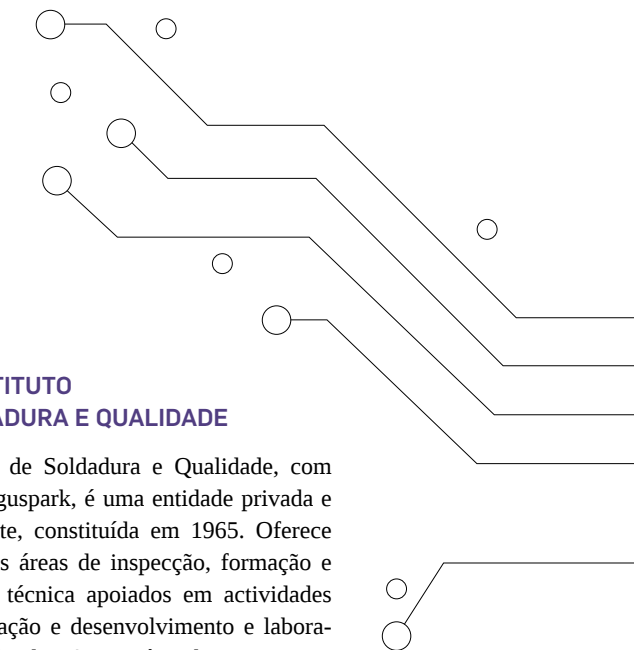


ISQ – INSTITUTO DE SOLDADURA E QUALIDADE

O Instituto de Soldadura e Qualidade, com sede no Taguspark, é uma entidade privada e independente, constituída em 1965. Oferece serviços nas áreas de inspecção, formação e consultoria técnica apoiados em actividades de investigação e desenvolvimento e laboratórios acreditados. A estratégia de crescimento passa internacionalização, nomeadamente em Angola, Argélia, Brasil, Chile, Cuba, Espanha, Guiana Francesa, Irão, México, Noruega e Turquia. A Investigação & Desenvolvimento é uma actividade que envolve milhões de euros e fornece benefícios directos a um vasto leque de empresas nacionais e internacionais. Nos últimos dez anos, os técnicos e investigadores do ISQ realizaram mais de 200 projectos de I&D, representando um investimento total superior a 40 milhões de euros.

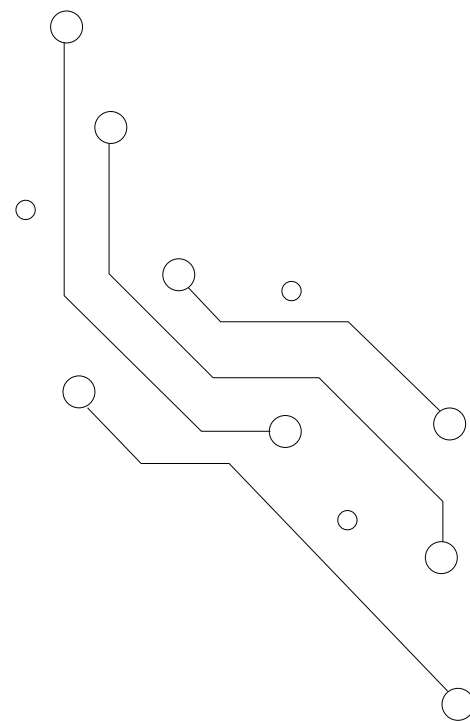
L-INIA – INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO AGRÁRIA

Organismo de investigação científica onde se desenvolvem estudos que visam a resolução de problemas concretos da nossa agricultura. O campus do L-INIA localiza-se na Estação Agronómica Nacional, juntamente com o IBET e o ITQB, ocupando uma área de 130 hectares.



OS PARQUES EMPRESARIAIS

O concelho de Oeiras recebeu, nos dois últimos anos, o galardão de Melhor Concelho para se Trabalhar em Portugal. Esta distinção foi conferida pelo Great Place to Work Institute que, anualmente, premeia as melhores empresas em quarenta países, distribuídos pelos continentes europeu, americano e asiático. Este prémio é o reconhecimento do esforço autárquico em matéria de consolidação do tecido empresarial implantado no concelho, nomeadamente através da criação de distintos pólos empresariais e consequente concentração de empresas em áreas de base tecnológica e de investigação. Das trinta empresas destacadas pelo Great Place to Work Institute onze estão sediadas em Oeiras, nomeadamente a Microsoft Portugal e a Cisco Systems Portugal que foram consideradas, respectivamente, a melhor e a segunda melhor empresa para se trabalhar no país.



TAGUSPARK – PARQUE DE CIÊNCIA & TECNOLOGIA

Criado em 1992, por iniciativa governamental e do Município de Oeiras, a sua principal actividade consiste na instalação, desenvolvimento e gestão de um Parque de Ciência e Tecnologia, bem como a prestação de serviços de apoio necessários à sua actividade. Situado na Freguesia de Porto Salvo, este Parque actualmente ocupa 200 hectares de terreno e acolhe empresas de base tecnológica, estabelecimentos de ensino superior, e Instituições I&D – os três pilares estruturantes deste Parque. O conceito do Taguspark compreende também as circunstâncias em que se exerce a actividade produtiva: edifícios certificados, espaços naturais com reduzido impacto no edificado, condições de apoio à prática desportiva, serviços culturais, restauração, rede de transportes e escola para crianças e adolescentes.

LAGOAS PARK

Com condições ímpares ao nível de infra-estruturas empresariais, o Lagoas Park assume-se como um centro de negócios por excelência. Localizado na Freguesia de Porto Salvo, este *Office Park* dispõe de 120 mil metros quadrados de área bruta de construção acima do solo e é constituído por 14 edifícios de escritórios, que comportam mais de uma centena de empresas, 6.000 lugares de estacionamento e diversos equipamentos de apoio, nomeadamente um hotel, centro de congressos, health club, centro de estética, colégio e galeria comercial com uma vasta oferta de serviços.



QUINTA DA FONTE

Localizado na Freguesia de Paço de Arcos, a Quinta da Fonte é um pólo empresarial com 24 edifícios de escritórios, implantado numa área de 80 mil metros quadrados. Entre outras áreas de negócio, destacam-se a gestão imobiliária, a biotecnologia, a farmacêutica, as telecomunicações, o design, a publicidade, a informática, o comércio de automóveis, a construção civil e obras públicas, os seguros, a banca e as tecnologias de informação. Os edifícios são dotados de modernas e infra-estruturas e de uma envolvente paisagística bastante atractiva. O complexo conta ainda com um vasto leque de serviços comerciais e um health club.

ARQUIPARQUE

Beneficiando de uma localização privilegiada, na zona de Miraflores, e de excelentes acessibilidades, o Arquiparque é um dos parques empresariais mais requisitados da região de Lisboa. Este Parque é composto por nove edifícios e por numerosas áreas de negócios, nomeadamente: farmacêutica; informática; área financeira; telecomunicações; gestão e promoção imobiliária; consultoria; indústria electrónica; e cosmética.



PARQUE SUÉCIA

Integrado num moderno complexo de escritórios situados em Carnaxide, o Parque Suécia caracteriza-se pela sua atractiva localização e pela boa rede de acessos e de transportes que dispõe. Este Parque é composto por cinco edifícios, todos eles de arquitectura arrojada e com grandes espaços arborizados. Modernidade e funcionalidade são dois vectores que transformam o Parque Suécia num relevante pólo empresarial da área de Lisboa.

Emprego no Sector dos Serviços, 2001:

82% dos residentes activos empregados.

Emprego nas sociedades maioritariamente estrangeiras, 2003/2004:

28,6%, a mais elevada proporção na Grande Lisboa.

Emprego em serviços intensivos em conhecimento, 2003/2004:

45%, a segunda mais elevada na Grande Lisboa.

Emprego em actividades TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação, 2003/2004:

11,9%, o mais elevado na Grande Lisboa.

Ganho médio mensal, 2009:

1.667 euros, o mais elevado ao nível nacional.

Índice de Poder de Compre per capita, por local de residência, 2007:

173, 2.º no País, a seguir a Lisboa com 236.

OEIRAS VALLEY

Ambicioso mas não utópico, o conceito desenvolvido pela AITECOEIRAS é, cada vez mais, a Cartilha dos objectivos estratégicos do concelho de Oeiras. Deve o seu nome ao emblemático "Silicon Valley", amplamente conhecido pela elevada concentração de empresas de base tecnológica, e, sem desmerecimento do nome, "Oeiras Valley" assume-se como Região Integrada de Desenvolvimento! A estratégia traçada para esta região concentra-se em três clusters tecnológicos: Tecnologias de Informação e Comunicação; Biotecnologias e Tecnologias da Saúde; e Tecnologias Tropicais



A AITEC - Associação para a Internacionalização, Tecnologias, Promoção e Desenvolvimento Empresarial de Oeiras delineou cinco objectivos principais para a consolidação do conceito "Oeiras Valley", tendo presente que tão importante como as unidades de conhecimento intensivo, são as unidades subsidiárias da área cultural, desportiva e de lazer, unidades de saúde e apoio social, um ordenamento do território de qualidade, espaços verdes, boas acessibilidades, entre outros elementos. Os principais objectivos que se colocam a "Oeiras Valley" são:

1. Promover e manter actualizada uma reflexão estratégica estruturada e intelectualmente aprofundada sobre o modelo de desenvolvimento de "Oeiras Valley";
2. Desenvolver processos de promoção internacional de "Oeiras Valley", atraindo empresas internacionais de base tecnológica;
3. Promover a criação de Redes e Clusters, integrando empresas, universidades e institutos de investigação, nacionais e estrangeiros;
4. Desenvolver Redes Digitais globais e acções de cooperação internacional entre empresas e unidades de base tecnológica e também entre empresas e unidades de serviços complementares que integram o conceito sistémico de "Oeiras Valley";
5. Promover a exportação do conhecimento gerado e adquirido em "Oeiras Valley" para outras regiões, utilizando as Redes de cooperação criadas. }

AITEC – ASSOCIADOS

Câmara Municipal de Oeiras, Taguspark, Grupo Joaquim Chaves, Compta, Lef, Hotéis Vila Galé, Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto de Investigação Científica Tropical, INESC, Instituto de Soldadura e Qualidade, Universidade Atlântica.



A estratégia traçada para esta região concentra-se em três clusters tecnológicos: Tecnologias de Informação e Comunicação; Biotecnologias e Tecnologias da Saúde; e Tecnologias Tropicais

OS CLUSTERS DO "OEIRAS VALLEY"

Tecnologias de Informação e Comunicação

Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores
Instituto Superior Técnico
Portugal Telecom - Sistemas de Informação
Empresas Tecnológicas da área dos Sistemas de Informação do Taguspark

Biotecnologias e Tecnologias da Saúde

Instituto Gulbenkian de Ciência
Universidade Atlântica
Associação Nacional de Farmácias
Clínicas de Saúde de Oeiras

Tecnologias Tropicais

Estação Agronómica Nacional
Universidade Atlântica
Unidades do Instituto de Ciências Tropicais localizadas em Oeiras

INSTITUTO GULBENKIAN DE CIÊNCIA CELEBRA 50 ANOS!

FINANCIAMENTOS, PRÉMIOS E DESCOBERTAS...

PRÉMIOS 2010

Strating Grantsdo Conselho Europeu de Investigação

- Isabel Gordo
- Mónica Bettencourt-Dias
- Teresa Teixeira

Prémio Pfizer Investigação Básica

- Tânia Vinagre
- Natalia Moncaut
- Marta Carapuço
- Ana Nóvoa
- Joana Bom
- Moisés Mallo

Prémio Pfizer Investigação Clínica

- Carlos Penha-Gonçalves
- Rosário Bragança Sambo

Prémio Jovem Empreendedor ANJE

- David Cristina com Luís Graça e Marta Monteiro (IMM)
- Prémio Nacional de Inovação BES
- David Cristina com Luís Graça e Marta Monteiro (IMM)

Prémio Melhor Artigo Científico na 9.ª Conferência Internacional de Sistemas Imunes Artificiais (ICARIS)

- Alaa Abi-Haidar



INSTITUTO GULBENKIAN DE CIÊNCIA
A 8.ª MELHOR INSTITUIÇÃO INTERNACIONAL
PARA PÓS-DOCTORADOS TRABALHAREM

BOLSAS 2010/2011

Bolsa «Advanced Investigator Grant» atribuída pelo European Research Council

- Zachary Mainen

Bolsa atribuída pela Fundação Bill e Melinda Gates

- Miguel Soares com Henrique Silveira (IHMT)

Bolsas atribuídas pela Câmara Municipal de Oeiras

- Patrícia Beldade – Circuitos Neurónais e Comportamentos
- Diogo Castro – Neurobiologia Molecular

DESCOBERTAS 2010

Enigma associado à Sepsis Grave

- Miguel Soares e grupo de investigação "Inflamação"

Mecanismo de controlo de "GPS embrionário" em vertebrados

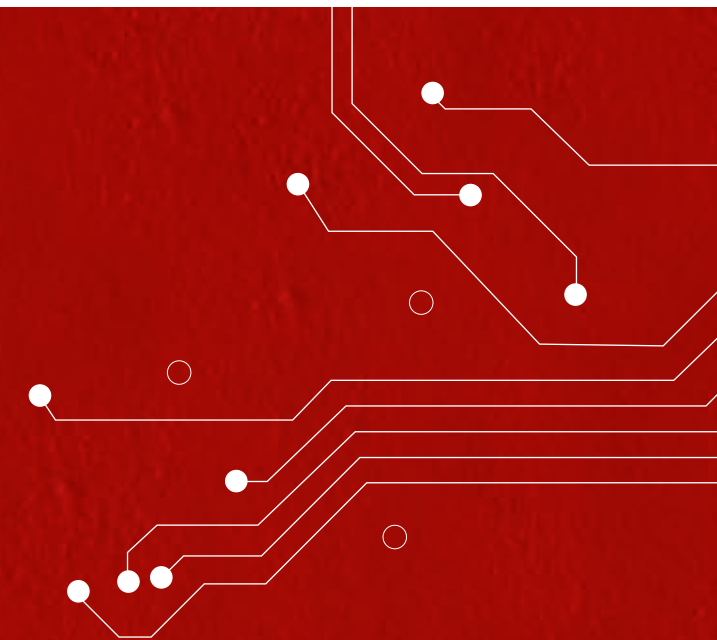
- Leonor Saúde e grupo de investigação "Desenvolvimento e Simetria"

Identificação dos primeiros genes associados ao risco de desenvolvimento de malária cerebral

- Carlos Penha-Gonçalves e grupo de investigação "Genética de Doenças"



MIGUEL SOARES



"O IGC ESTÁ COMO SE FOSSE UM NAVIO A PLENO A VAPOR, A DAR TODOS OS SINAIS DE SER UM MUITO, MUITO BOM INSTITUTO AO NÍVEL MUNDIAL"

Num ano em que o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) comemora os 50 anos de existência, o Investigador Principal Miguel Soares explica-nos como e quando o IGC começou a funcionar como um "navio a pleno vapor". Em 2009, este investigador ganhou o Prémio Pfizer pela sua contribuição para a elucidação do papel de determinados genes na resolução de reacções inflamatórias associadas a doenças infecciosas. Em 2010, e em conjunto com a sua equipa, desvendou o enigma da sepsis grave, que mereceu a atenção de todos os *media* nacionais e internacionais. Meses depois, seria surpreendido pela Fundação Bill e Melinda Gates, com uma bolsa no valor de 100.000\$, potencialmente extensível a 1.000.000\$, para testar um projecto apresentado e desenvolvido em colaboração com o investigador Henrique Silveira, do Instituto de Higiene e Medicina Tradicional, para a erradicação de outra doença mortífera, a malária! Se o Instituto Gulbenkian de Ciência navega a pleno vapor, Miguel Soares confirma a excelência dos seus comandantes.

RAQUEL CARRILHO } *Texto*
CARLOS SANTOS } *Fotografias*

Nasceu na Bélgica, onde fez todo o seu percurso académico. O que o fez regressar a Portugal?

Nasci na Bélgica, mas sempre vivi em Portugal. Só aos 17 anos fui para a Bélgica, onde estive dez anos e fiz a licenciatura, o mestrado e o doutoramento; depois fui para os E.U.A., onde trabalhei outros dez anos. Regressei, em 2004, a convite do António Coutinho, que entretanto conheci e explicou-me o que pretendia fazer com o Instituto Gulbenkian de Ciência. Achei que valia a pena vir, pelo Instituto! Não foi tanto o regresso à Pátria amada.

Acha que, actualmente, o IGC está bem posicionado ao nível internacional?

Apesar de estarmos agora comemorar os 50 anos, houve uma enorme ruptura há dez anos atrás, altura em que foi analisada a produtividade do Instituto. A Fundação Gulbenkian teve de tomar uma decisão: ou fechava o Instituto ou renovava-o! Decidiu contratar o António Coutinho para ser o novo director, que aceitou e fez uma remodelação dramática, no bom sentido: esvaziou o Instituto de todo o seu conteúdo humano, e acho que também técnico, e recomeçou do zero. Durante os últimos oito anos, tem sido feita toda a reconstrução e diria que, há mais ou menos dois anos, o IGC está como se fosse um “navio a pleno vapor”, a dar todos os sinais de ser um muito, muito bom Instituto ao nível mundial!

Mesmo ao nível de recursos humanos, têm investigadores de todos os cantos do mundo! Quais são as principais áreas de investigação?

A área é muito lata, é a Ciência! Mas temos pessoas que trabalham em evolução; pessoas que trabalham em mecanismos básicos, como o funcionamento das células; pessoas que trabalham mais em imunidade; temos bioinformáticos; e neurobiologistas. O Instituto propõe-se fazer avançar muito significativamente o conhecimento nestas áreas e eu tenho a certeza absoluta que está a cumprir essa missão! E para isso participam todos, incluindo as pessoas da cantina, as pessoas das limpezas e os investigadores.

O António Coutinho, numa entrevista, definiu o Instituto como uma “Incubadora de Lideranças”. Partilha dessa opinião?

Essa ideia é original e a missão foi dada ao Instituto pela Fundação Gulbenkian. No fundo, o objectivo é fazer com que o Instituto se torne numa porta de entrada a investigadores que podem ser exportados nacionalmente e, maioritariamente, para as universidades. Isso tem tido muito sucesso! Na minha opinião, a verdadeira missão do Instituto é gerar conhecimento. E se são estas as duas missões, então estão a ser cumpridas muito bem – estamos a gerar conhecimento de altíssimo nível, numa escala mundial, e, simultaneamente, estamos a conseguir, fazer passar por aqui uma série de profissionais que depois são “exportados” para as universidades do Porto, de Lisboa, de Coimbra, entre outras. E o que se espera é que mudem essas instituições, que sejam muito mais à imagem desta.

Concretamente, o que é que ainda falta às nossas universidades?

Embora nós não gostemos da nossa auto-crítica, neste momento há várias instituições que fazem *rankings* de universidades e as nossas estão do 200 para baixo! As pessoas podem alegar que o problema são os critérios de



avaliação, mas agora há vários *rankings* e a realidade é que nós temos instituições universitárias que ainda são muito fracas em termos de gerar conhecimento e de fazer investigação de ponta. As instituições podem ficar ofendidas e argumentar que têm pessoas muito boas, mas haver pessoas muito boas não chega... Estamos a falar de instituições e as instituições são fracas.

Mas para essa mudança ambicionada são necessários avultados recursos financeiros!

Não só, tem a ver com a estrutura da nossa sociedade. É um problema cultural.

Em 2010, juntamente com o investigador Henrique Silveira, recebeu uma bolsa da Fundação Bill & Melinda Gates no valor de 100.000\$ (70.000€) para testar uma hipótese no âmbito da malária. Como surgiu esta aliança com Henrique Silveira?

Nós não podemos fazer tudo sozinhos! O Henrique trabalha com mosquitos infectados com Plasmodium, que é o agente que causa a malária, e eu trabalho com ratinhos! Pensámos fazer um projecto em que precisávamos de ter mosquitos que picavam ratinhos... Estabelecemos uma cooperação e concluímos que era ideal submetermos à Gates Foundation. Escrevemos uma carta de duas páginas e disseram-nos que sim!

E quais são as expectativas?

As expectativas são ambiciosas! Um dos mistérios da malária é que a mortalidade associada à infecção é muito maior nas crianças, mas não se sabe porquê...



O Instituto propõe-se fazer avançar muito significativamente o conhecimento nestas áreas e eu tenho a certeza absoluta que está a cumprir essa missão! E para isso participam todos, incluindo as pessoas da cantina, as pessoas das limpezas e os investigadores.

E propuseram uma explicação...

A grande maioria das vítimas mortais de malária são crianças, sobretudo entre os três e os cinco anos, e nós acreditamos que as crianças são mais susceptíveis de morrerem porque também são mais susceptíveis de serem infectadas. Acharmos nós, não temos provas disso, que os adultos têm anti-corpos na circulação que, eventualmente, impedem que o Plasmodium que está dentro do mosquito entre para a nossa circulação. Atrás disso, está uma outra ideia: estes anti-corpos surgem porque nós somos expostos a bactérias que estão no nosso trato intestinal e, assim, o nosso corpo está a produzir anti-corpos contra essas bactérias; anti-corpos esses que reagem contra o Plasmodium!

Uma ideia convincente, mesmo para a Gates Foundation!

O que a Gates Foundation quer é apostar em projectos que sejam muito fora do comum. Eles acharam que isto tinha todos os ingredientes: tinha um lado racional suficientemente forte para apostar e, simultaneamente, uma certa probabilidade de ser verdade.

São os primeiros portugueses, com Miguel Prudêncio, a serem premiados com esta bolsa. Como receberam a notícia?

Nós ficámos muito contentes por receber esta bolsa, sobretudo porque são enviadas entre duas a três mil candidaturas e a bolsa só é entregue a 2% dos candidatos. Com a agravante de eles não saberem quem nós somos, não sabem se nós somos de Oeiras ou de Harvard! Por isso, terem escolhido o nosso projecto, um júri composto por seis pessoas, numa competição mundial, é muito gratificante. Se a hipótese não se comprovar, foi simpático... Mas nós achamos que as coisas vão funcionar todas bem.

Sendo que estão a testar uma hipótese cuja verificação pode resultar numa possível cura ou erradicação da malária, uma doença que mata milhões de pessoas anualmente, sente com frequência o peso dessas vidas sobre os ombros?

Eu acho que quem sente o peso das vidas são os médicos que tratam as crianças. Se fossemos um exército, os médicos estariam na guerra, na linha da frente, e nós estaríamos atrás, a gerar potencialmente novas armas para

eles utilizarem! Estamos numa situação muito mais confortável – podemos errar, podemos concluir que uma hipótese não foi boa sem que isso tenha uma consequência maior. Não carregamos esse peso, o que temos é uma excitação de poder, eventualmente, contribuir para que os médicos possam exercer a sua profissão de uma maneira muito mais eficaz, principalmente neste género de doenças em que não há cura. Por isso, se descobrirmos qualquer coisa que pode, efectivamente, ser uma cura dá-nos uma enorme satisfação!

Quando entra numa investigação desta complexidade esse não é o móbil principal?

O que nós queremos é curá-los. A própria Gates Foundation é muito direccionada para isso, para a cura. Mas o risco de não conseguirmos não nos pesa dessa maneira, não vamos dizer que, por não termos conseguido, lá vão morrer mais um milhão! Isso não é a realidade. Se conseguirmos temos o ganho todo, se não conseguirmos temos de tentar outra coisa.

Quantos investigadores é que estão associados a este projecto?

Um investigador, não pode estar mais. Não podíamos ter mais, porque 70.000€ não dá para muito mais – dá para o salário de apenas um investigador durante o tempo da experiência (ano e meio) e reagentes...

Ou seja, são três pessoas envolvidas: o Miguel Soares, o Henrique Silveira e esse jovem investigador.

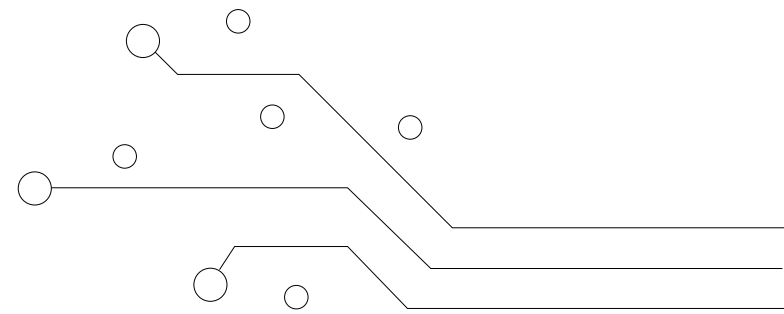
O Henrique Silveira fornece-nos os mosquitos, o que eles fazem, e fazem-no muito bem, é uma coisa quase de rotina. O único que faz investigação a sério, que faz as experiências, é um estudante turco, o Bahtiyar Yalmaz.

Tem fortes expectativas no resultado da vossa hipótese?

Temos quase a certeza que funciona!

Se os resultados desta fase inicial do projecto forem satisfatórios e conseguirem o financiamento adicional de 1.000.000\$, o que é que pensam fazer?

Se provarmos que a nossa hipótese é correcta, e temos uma ano e meio



O que a Gates Foundation quer é apostar em projectos que sejam muito fora do comum. Eles acharam que isto tinha todos os ingredientes: tinha um lado racional suficientemente forte para apostar e, simultaneamente, uma certa probabilidade de ser verdade.

para fazê-lo, vamos tentar concluir esta experiência, deixá-la como prenda à Gates Foundation e dizer: agora é só aplicar! Isso seria o ideal! E eles só nos financiarão se nós conseguirmos fazer uma coisa deste género.

E se o conseguirem, quantos anos terão para o implementar?

Mais dois! É incrível... é muito, muito pouco. A estrutura da Gates Foundation é muito especial, eles querem coisas que funcionem!

E como é que lida com o desânimo? Toda a investigação tem fases de maior entusiasmo e outras de maior esmorecimento... Quando os resultados não são aqueles que perspectivava, mesmo quando pensa que está próximo de desvendar algum enigma, como é que lida com essa frustração?

Essa é a coisa mais difícil na investigação, porque nós fazemos coisas em que continuamente falhamos! O nosso quotidiano é ver coisas que não funcionam e isto é ainda mais dramático nos estudantes, porque eles ainda não têm treino para lidar com isso. Eu já faço isto há quinze anos e uma pessoa treina para lidar com esse tipo de situações: se não funciona por um sítio funciona por outro. Mas há muitas pessoas que desistem da ciência por não conseguirem lidar com essa frustração.

Por falta de maturidade?

A nossa sociedade, neste momento, promete-nos e dá-nos tudo no imediato. A carta é um exemplo ilustrativo: demorava uma semana a chegar ao destino, mais uma semana a recebermos uma resposta; agora, com os e-mails, se não nos respondem numa hora ficamos ofendidos! Há uma deturpação da realidade ao querermos um retorno imediato daquilo que fazemos. E em ciência não temos isso, temos um retorno a quatro, cinco, seis anos... Por exemplo, no caso da malária, andamos há séculos a tentar encontrar uma solução que, se fosse fácil, já outros teriam solucionado.

Em 2010 foi anunciada publicamente a descoberta, pela equipa do IGC, do enigma da elevada taxa de mortalidade associada à sepsis grave. Há quanto tempo andavam a tentar desvendar este enigma?

Sete anos. E sete anos não é nada, a sepsis grave mata-nos há milhões de anos! Considero que é um *trade-off* que não é muito mau.

E passaram por muitas dificuldades até à tão esperada descoberta?

Houve um estudante que começou a trabalhar connosco e desistiu passados dois anos, decidi fazer um MBA em Economia. Antes dele, houve um pós-doc (pós-doutorado) que também tinha desistido. Depois veio outro estudante fazer isso... desistiu! E depois ainda veio outro pós-doc que agarrou nisso, fez dois ou três anos, e acabou, mas já com o trabalho dos outros atrás. É uma boa ilustração, há muitos que desistem porque não têm garantia – nós há cinco anos não sabíamos que este seria o desfecho!

Quantas hipóteses foram colocadas até que esta última, dos pedacinhos de ferro que atacam os próprios órgãos, fosse comprovada?

É difícil responder de uma forma linear. Nós começamos com uma pista e depois as coisas vão avançando, se não for por um caminho tentamos por outro. O que nós descobrimos na sepsis veio muito a cavalo de uma coisa que tínhamos descoberto na malária e colocámos a hipótese: se isto na malária é assim, vamos ver se na sepsis também funciona! O caminho não é seguro e é tortuoso.

Num artigo que li, o Miguel Soares admitia que o enigma até era “muito simples”. Fico com a ideia de que até ter colocado esta hipótese, que classifica de “muito simples”, foram equacionadas muitas outras, bem mais complexas.

Neste caso nós trabalhamos com uma enzima que agarra nos pedaços de ferro e destrói-os. Mas nós estávamos focados na enzima porque, ao retirá-la do ratinho, o ratinho morria de sepsis. Passámos anos a trabalhar com a enzima até perceber que o centro da questão era os pedacinhos de ferro. Mas quando nos direccionámos para os pedacinhos de ferro tudo foi mais rápido e descobrimos que não há só esta enzima, mas há outros meios que podemos utilizar para tirar estes pedaços de ferro. Foi isso que teve um enorme impacto mediático, ligaram-nos perto de mil jornais, aparecemos nas televisões dos E.U.A.!

Até foram capa da revista Science Translational Medicine, do mês de Setembro de 2010. Ao fim de sete anos a trabalhar neste caso, qual é a importância do reconhecimento público?

A nossa profissão também é diferente nisso. Nós temos uma maneira de nos medirmos que é relativamente simples e que se chama o “número de citações”. Acho que não há mais profissão nenhuma em que o valor se possa medir assim, é uma maneira muito matemática e quando nós começamos a ver o nosso número de citações a aumentar, alcançamos o reconhecimento que nós queremos! Outra fonte de reconhecimento é quando os editores das grandes revistas começam a aceitar os nossos trabalhos e depois pedem-nos para avaliar o de outros ou mesmo para escrever artigos de opinião. E depois temos um reconhecimento público, que é o que acontece através

dos *media*, esse é muito importante, porque é a retribuição pública do investimento que todos os contribuintes fazem em nós, mas acho que não é o principal para os investigadores.

De todos, qual é o reconhecimento mais importante?

Acho que isso é muito pessoal. Há pessoas que gostam de ter focos de luz em cima e ir a uma gala, não tem nada de negativo; mas eu acho que o mais comum é o reconhecimento científico. Imaginemos que a investigação que fazemos salva um milhão de crianças por ano, aí o reconhecimento é imediato, diria até que era um reconhecimento para a humanidade!

Acredito que os jovens cientistas tenham bem presente a “ilusão” de que o seu trabalho terá o impacto profundo na humanidade.

Eu acho que é uma ilusão que não deve desaparecer. Neste caso da sepsis, como é que se passa de um artigo da *Science* para a cura da sepsis? Nós escrevemos que, ao injectar um produto nos ratinhos, esses ratinhos sobrevivem; mas precisamos de uma firma que produza esse produto... para isso precisamos de fazer um acordo com eles... para isso precisa de estar patenteado... Mas não chega, depois tem de haver um corpo médico, num hospital, que acredite que isto pode funcionar e que se disponha a fazer todos os testes clínicos! Pressupõe um novo período, muito conturbado. É mais uma batalha.

Até entrar na prática clínica ainda vai um longo processo...

Vai um longíssimo processo e, outra vez, sem qualquer certeza!

Pode-se afirmar, no entanto, que descobriram a cura para a sepsis ou ainda é um pouco cedo para fazermos tal afirmação?

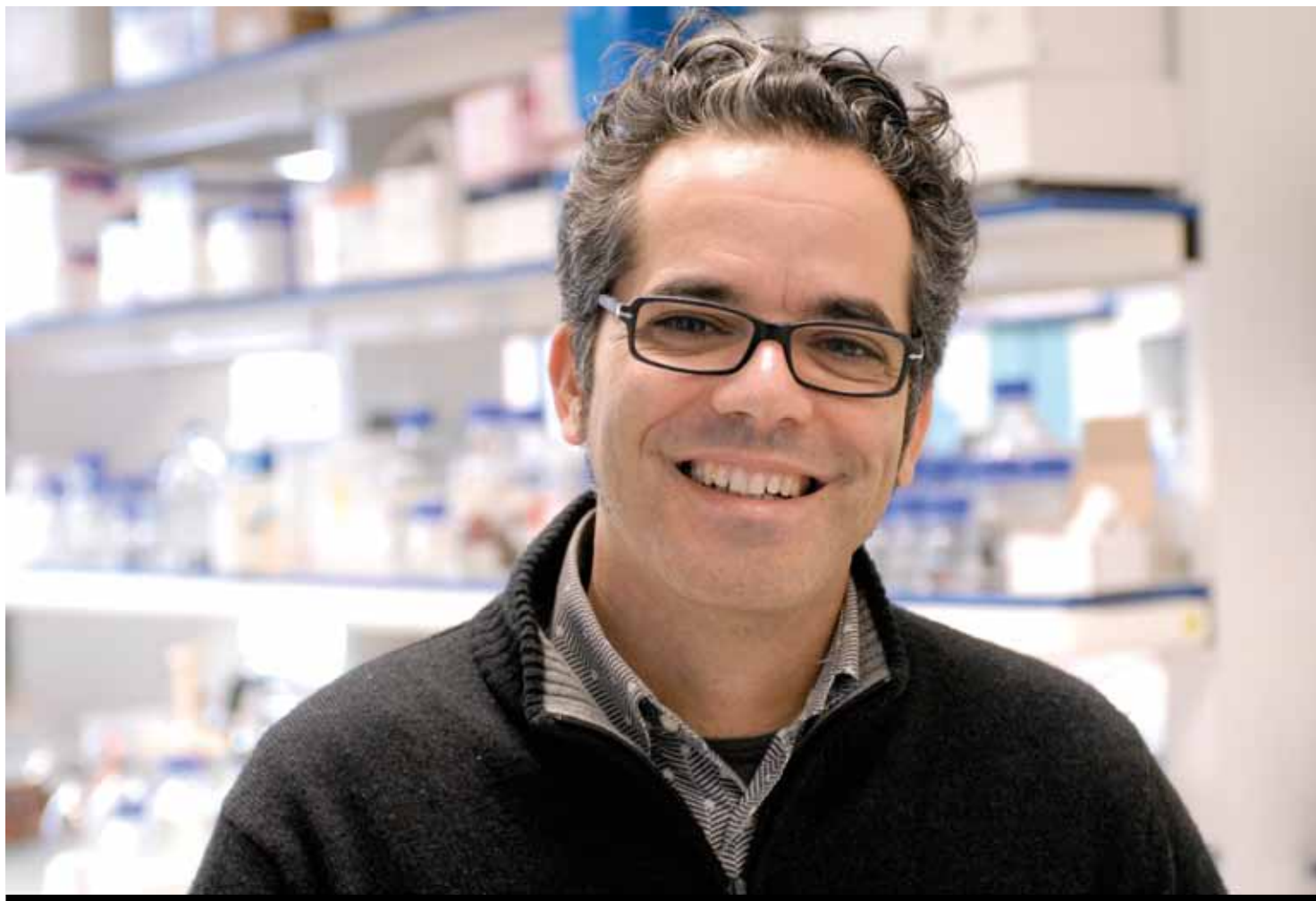
Só termos a cura para a sepsis quando houver um médico que, com 200 pacientes com esta doença, injecte o produto a cem deles. Se, estatisticamente, sobreviverem muitos mais pacientes do grupo ao qual foi injectado o produto, aí saberemos que temos a contribuição para curar a sepsis! Agora o que nós temos é uma indicação muito forte de qual é o mecanismo que está a matar com a sepsis e propomos à comunidade médica testar esta pista.

E já teve algum feedback por parte de empresas interessadas em produzir o produto?

Já fui a uma das maiores firmas que produz isso, explicar pessoalmente. Eles agora escreveram-me a dizer que estão muito interessados, mas temos de ver a evolução. Se de repente eles tiverem uma reunião e decidirem que não podem investir nisto, teremos de procurar outra.

E continua responsável por essa parte do trabalho ou há uma entidade que se ocupa dessa vertente mais negocial?

Em Portugal não há! É muito difícil contabilizar o que um instituto destes pode gerar de riqueza para um país, no mínimo dos mínimos gera conhecimento e ao gerar conhecimento está a formar pessoas que saem daqui e vão funcionar de uma maneira muito mais eficaz. Agora, a verdadeira riqueza são as patentes, se nós conseguirmos gerar conhecimento que é protegido economicamente e que pode ter uma retribuição, ou para o Instituto ou para



uma firma que exista ali ao lado, então aí é enorme! Imaginemos que isto é mesmo a cura para a sepsis e que temos uma firma que se chama “Oeiras Incorporated”, se de repente esta firma começa a vender o produto para o mundo inteiro e tem a exclusividade para o fazer, porque tem uma patente, a riqueza é inimaginável!

Fala como se fosse um cenário desejável, mas pouco provável...

Porque é preciso ter uma estrutura que funcione: primeiro, tem de haver empresários que estejam bem treinados, capazes de competir com os empresários americanos que são muito mais competitivos e dão ofertas muito melhores. Isto é um problema estrutural e não basta haver um ou dois institutos para que o país todo funcione! O potencial que se pode gerar neste género de trabalhos é enorme, mas neste momento não temos em Portugal, que eu conheça, nenhum advogado de patentes. Temos, somos capazes ter, um ou dois iluminados, mas eles têm de estar ao nível a que nós estamos, porque os competidores deles, os outros advogados de patentes, que são muito melhores, se eles fazem uma patente mal feita, estes partem-lhes a patente e nós perdemos tudo. Eu digo sempre no Instituto: os investigadores têm de ser bons, mas a cantina tem de ser boa, o secretariado tem de ser bom, os

técnicos têm de ser bons... Se o barco está a andar a uma grande velocidade, quase qualquer falha pode fazer rebentar aquilo tudo!

Em todas as investigações que tem desenvolvido, como no caso da sepsis, a inspiração ou, se preferir, a intuição científica, é um factor importante?

Está a perguntar-me quais são os ingredientes para fazer uma descoberta! Ninguém sabe... Até há um trabalho que eu tenho colado na parede do meu escritório que se chama precisamente *Os Ingredientes da Descoberta*, mas não conseguimos medir isso. Temos uma intuição que nos leva a acreditar que uma determinada pessoa é capaz de descobrir mas que a outra não é... Apesar de haver ingredientes essenciais – tecnicamente tem de ser perfeito, temos de se ter um controlo técnico muito bom e sofisticado, um conhecimento científico excelente – isso não chega! Há imensas pessoas que têm isso e que não conseguem fazer uma descoberta!

Thomas Edison disse que 1% de inspiração e 99% de transpiração é a dosagem da genialidade. Revê-se nesta afirmação?

Não, eu acho que é muito mais de inspiração! Muito, muito mais! Os cien-



Se provarmos que a nossa hipótese é correcta, e temos uma ano e meio para fazê-lo, vamos tentar concluir esta experiência, deixá-la como prenda à Gates Foundation e dizer: agora é só aplicar!

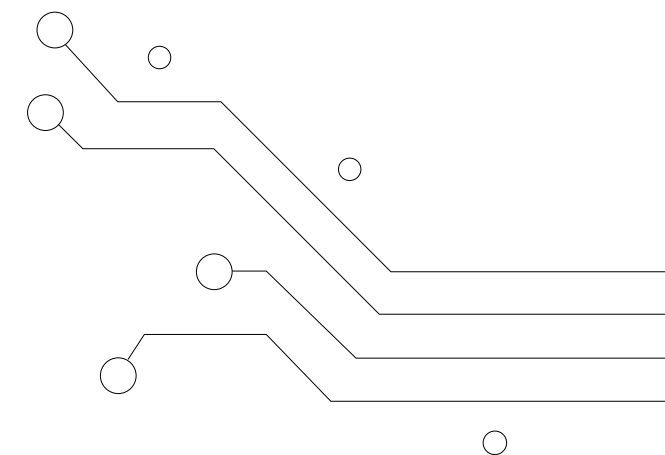
tistas não gostam que se diga isto, porque os cientistas são muito racionais e pensam que sendo racionais, seguindo todas as regras, vão conseguir... Mentira! O que faz depois dar o salto é algo que eu acho que é muito parecido com a arte. Não é genético! Não sabemos o que é que é, mas é uma combinação de factores, tais como a irreverência, não aceitar dogmas como dogmas (de uma forma comedida, claro!). Se eu não acreditar em nada, não consigo adquirir conhecimento; se eu acreditar em tudo não ponho em causa... e é uma série de equações deste género! Mas temos um *feeling*! Muitas vezes temos a capacidade de perceber que determinada pessoa tem esse potencial. E há quem tenha o potencial e não consiga por outros factores externos. Nós temos de viver quase numa bolha, em que tudo funciona e o que não funciona é a ciência, para nós pomos todo o esforço ali. Os americanos, aos bons investigadores, colocam-lhes uma casa ao lado do laboratório, um carro, tratam-lhes dos papéis, tratam-lhes de tudo... É um luxo, mas é um luxo que tem um retorno. Em Portugal não se gosta de fazer isso, as pessoas preferem viver em situações em que possam culpabilizar algo pelo seu fracasso. Se eu disser aos meus estudantes que têm tudo e que a única coisa que deles espero é que “façam”, eles entram automaticamente em pânico! Tem a ver com fomentar o retorno.

Acha que deveriam dar mais incentivos?

Eu estou sempre a batalhar por isso e é um problema de geração. Por exemplo, neste Instituto e noutros institutos a maior parte dos investigadores são mulheres, acho que numa proporção de 60% para 40%, e não há uma creche... Não há nenhum instituto que tenha uma creche! Porque é que a Microsoft tem um barzinho, tem uma lavandaria, tem uma creche? Não é porque eles sejam humanistas, é porque eles sabem que se fizerem isso, os empregados que têm produzem muito mais.

Uma remuneração emocional, para além da monetária.

É mesmo física! Se eu tiver pessoas a trabalhar no laboratório que tenham de ir à creche às 18h00 para irem buscar os filhos, não ficam até às 19h00. Se tiverem uma creche ao lado, em que podem visitar os filhos às 12h00 e às 16h00, quando entretanto até foram lanchar, trabalham até às 19h00 e se calhar até fazem a experiência que muda o mundo!



Considera-se um homem de fé?

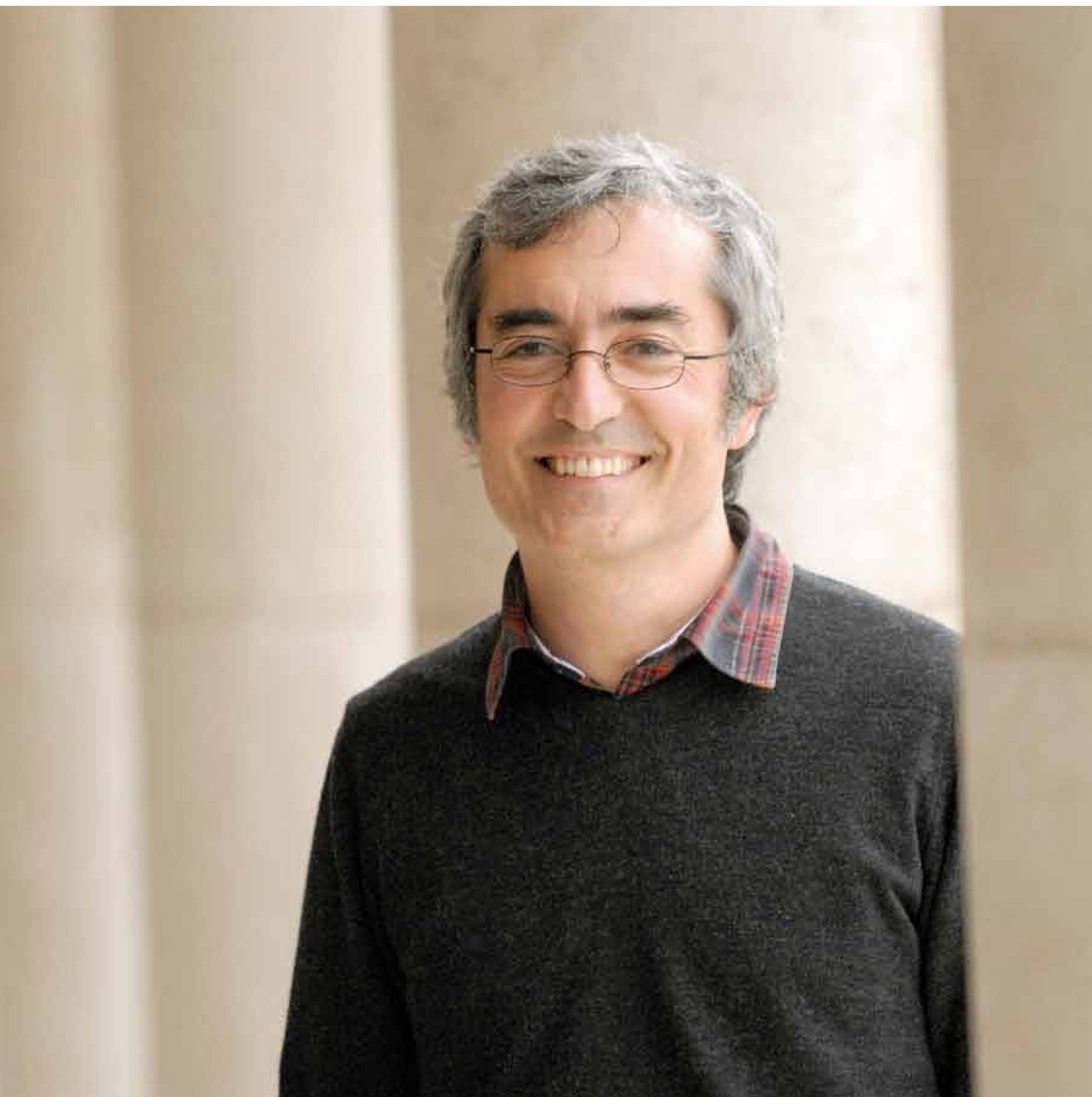
Não, de modo algum. Nós temos duas principais maneiras de viver a nossa vida: ou contemplamos o universo e concluímos que não o percebemos (há imensas coisas por compreender) e delegamos essa compreensão a algo de uma outra dimensão; ou não nos conformamos e tentamos perceber as coisas que estão à nossa frente, com os instrumentos que nós temos, sendo que o método científico se tem revelado o mais eficaz. Eu não delego a um além a compreensão do universo, com as maiores implicações e perversões que isso possa ter, porque é uma batalha. Por outro lado, a ciência não se pode tornar na nova religião, se tudo se resumisse à ciência nós conseguiríamos resolver todos os problemas e a verdade é que não o conseguimos.

SEPSIS GRAVE

Doença sistémica associada à presença de microrganismos patológicos ou toxinas no sangue, que podem incluir bactérias, fungos ou outros organismos. A sepsis grave é caracterizada por uma queda repentina da pressão sanguínea e perda progressiva de órgãos vitais após infecção. Representa a segunda maior causa de morte nas salas de cuidados intensivos dos hospitais de todo o mundo.

ENIGMA DESVENDADO!

A equipa liderada por Miguel Soares descobriu que um composto de ferro (grupo heme) libertado pelos glóbulos vermelhos durante uma infecção, é responsável pela perda de funções dos órgãos. Além disso, esta equipa descobriu também uma forma eficaz de neutralizar o efeito tóxico do grupo heme através de uma molécula que existe naturalmente no organismo, a hemopexina.



HENRIQUE SILVEIRA

O ESPECIALISTA EM PARASITOLOGIA

Rodeado de mosquitos, num ambiente húmido que simula o clima tropical, e com um olhar brilhante de entusiasmo, Henrique Silveira explica o fascínio que envolve uma relação entre parasita e hospedeiro. Há quinze anos a estudar a malária, confessa-se convicto no resultado da investigação financiada pela Gates Foundation: «acreditamos que funciona e já começámos a trabalhar para não perdermos tempo!». É do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, onde lecciona e desenvolve as suas experiências, que o investigador exporta os mosquitos *anopheles*, devidamente infectados com o parasita *Plasmodium*, directamente para o Instituto Gulbenkian de Ciência, onde Miguel Soares prepara os ratinhos geneticamente modificados e o estudante Bahtiyar Yilmaz procede às experiências laboratoriais.



Depois de se ter licenciado em Ciências Biomédicas, pela Universidade Porto, doutorou-se em Parasitologia no Imperial College, University of London. Acabou por regressar a Portugal, mais propriamente a Lisboa, onde viria a privar com Miguel Soares... «Nós estávamos a discutir diversas coisas e o Miguel falou-me desse trabalho que tinha desenvolvido e da forma como essa ideia poderia ser aplicada à malária. A ideia de concorrer ao Gates Foundation surgiu mais tarde e, quando houve essa possibilidade, achámos que valeria a pena e decidimos tentar!». Uma tentativa bem sucedida – Miguel Soares e Henrique Silveira tornar-se-iam nos primeiros portugueses, juntamente com Miguel Prudêncio, a obter uma bolsa da Bill & Melinda Gates Foundation. «Foi um contentamento! Até porque eu já tinha tentado com outra ideia e não tinha sido aceite. Nós para fazermos investigação temos de achar o nosso próprio financiamento... Concorrer a bolsas é a nossa maneira de existir!». A Gates Foundation premeia ideias inovadoras, que têm alguma dificuldade em obter financiamento através das entidades financiadoras tradicionais, «para que, de alguma maneira, se quebre o ciclo vicioso que tem caracterizado a investigação da malária nos últimos anos, em que se avança imenso em conhecimento, mas não se consegue dar o passo para erradicar ou controlar a doença». Para Henrique Silveira «esta bolsa tem um significado especial porque premeia uma ideia inovadora», para além de dar a possibilidade de concorrer «a uma outra bolsa de valor muito superior, possibilitando uma investigação mais detalhada, mais aplicada ao terreno». O primeiro objectivo é provar que a ideia defendida está correcta para que, posteriormente, «se possa passar de uma ideia laboratorial para uma ideia que tenha um impacto no controlo da malária, um impacto na saúde das pessoas, sobretudo em África». }

MALÁRIA

Doença infecciosa provocada por parasitas do sangue do género Plasmodium, transmitida ao homem pela picada da fêmea do mosquito – anopheles. Anualmente, esta doença causa a morte de mais de um milhão de crianças com menos de cinco anos, com especial incidência em África, Ásia e América do Sul.

O QUE PROPÕEM?

Miguel Soares e Henrique Silveira propõem abordar esta doença devastadora recorrendo a anticorpos contra a flora intestinal, produzidos naturalmente no corpo. Os investigadores acreditam que a maior incidência de malária grave que se regista em crianças com menos de cinco anos poderá ser consequência dos baixos níveis daqueles anticorpos após o nascimento e durante os primeiros anos de vida.

Para testar esta hipótese, irão recorrer a ratinhos geneticamente modificados para produzir o anticorpo humano contra a flora intestinal. Estes ratinhos serão colocados em contacto com mosquitos capazes de introduzir o parasita Plasmodium na corrente sanguínea. Os investigadores estão convencidos que os ratinhos geneticamente modificados serão resistentes à infecção, ao contrário dos restantes.



O GATO MALHADO¹ Drive²

Nuno Campilho
Gestor Público (ncampilho@gmail.com)

Esta minha reflexão decorre da crise que vivemos por estes dias. E a crise já não é só financeira, económica ou política. Pior, ela atingiu o cerne dos Valores.

E que Valores são esses? Os pais da constituição americana de 1787 (James Madison, Thomas Jefferson, Alexander Hamilton e John Jay) dão-nos algumas "lições" que importa recuperar. E falo desta constituição por ela ser a constituição escrita mais antiga do mundo e porque começa de uma forma notável "We the People (...)". Para o caso, até devia falar do *Bill of Rights* inglês de 1689, onde vem pela primeira vez consagrado o direito à liberdade, à vida e à propriedade privada. Mas como este documento acabou por condicionar a ratificação das primeiras dez emendas à constituição dos Estados Unidos da América, em 1791, na realidade é um pouco indiferente, já que estas consagraram o *Bill of Rights* americano, onde podemos ver salvaguardados os direitos naturais de liberdade e de propriedade.

Ora aqui estão os nossos Valores... Vida, Liberdade, Propriedade!

Numa altura em que a crise é, então, muito profunda, qual é a surpreendente verdade daquilo que nos motiva? Se forem recompensas externas, como dinheiro (Propriedade) - a abordagem do "pau e da cenoura" - o melhor mesmo é mudarmos de Vida. Se poderemos fazer aquilo que nos apetece, à hora que nos aprouver, sem ter de dar satisfações a ninguém e sem medir as consequências e as responsabilidades associadas aos actos praticados não há Liberdade que resista!

Temos assim que, o segredo para uma grande performance e um elevado nível de satisfação pessoal, profissional e social, é a profunda necessidade humana de dirigir a sua própria vida (que não manipular), de aprender, de criar coisas novas e de fazer melhor por si, pela sua família e pela comunidade onde se insere.

Utopia? Deixo ao vosso critério, ou, então, fica por aí no limbo da informação desprezada pelos fatalistas. Estar motivado



Ora aqui estão os nossos Valores Vida, Liberdade, Propriedade!

é ser autónomo, é ter conhecimento e é lutar por objectivos. Posto isto, é preciso erguer uma vida que as pessoas se empenhem em viver e construir organizações onde as pessoas gostem de trabalhar.

Utopia número 2? Desta vez não deixo ao vosso critério. Tratem a vida como gostariam que ela vos tratasse a vós e tratem os vossos colaboradores tão bem quanto gostariam que eles tratassem os vossos clientes. Numa época de cortes, contenção, recessão e outras coisas até mais não, alguém tem de ser um verdadeiro inspirador, ou, se quisermos, um encorajador. Alguém tem de ter fé nas pessoas (até porque a fé, de facto, está "pelas horas da morte"). É preciso acreditar no melhor das pessoas e ter fé nelas. A fé é essencial para desenvolver relacionamentos positivos. E um relacionamento positivo baseia-se numa liderança clara e em parcerias sustentáveis que fazem as organizações funcionar num ambiente cooperativo. Utopia número 3? Mais uma vez tenho de ser "intrusivo". Se consideraram esta a "mãe" das utopias, lamento dizer que estão redondamente enganados. A crise não é um *remake* do filme "E tudo o vento levou". A crise é um desafio, a crise é uma oportunidade. Estejam atentos: auto-confiança, experiência baseada na comunicação, autenticidade e honestidade. Ainda acrescento o diálogo activo, ou seja, oiçam. Não se esqueçam que as pessoas nos escutam porque a seguir sabem que é a vez delas.

Porquê *Drive*? Sei lá, até podia ser *Esirc* (dar a volta à Crise), mas achei que *Conduzir* (Liderar) os nossos destinos e das organizações que construímos e estimular os outros pelo(s) exemplo(s) também não ficaria mal. }

¹ Adaptação de AMADO, Jorge, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2007 (15ª ed.).

² Conduzir. Glosado de PINK, Daniel H., *Drive, the surprising truth about what motivates us*, Riverhead Books, New York, 2009.

³ "Nós o Povo".

⁴ Carta de Direitos ou Declaração de Direitos.



LOURDES NORBERTO

Homenagem a Lourdes Norberto, no âmbito da comemoração do Dia Mundial do Teatro – 27 de Março de 2011.

Em 15 de Março de 1997 Lourdes Norberto viu o seu nome ser atribuído ao Auditório Municipal de Linda-a-Velha.



EM OEIRAS CELEBRA-SE O ANO EUROPEU DO VOLUNTARIADO

O Banco Local de Voluntariado de Oeiras (BLVO) é uma estrutura local de organização do voluntariado, promovido, desde 2001, pela Divisão de Acção Social, Saúde e Juventude da Câmara Municipal de Oeiras. Para celebrar o Ano Europeu do Voluntariado, o BLVO irá realizar diversas acções com o objectivo de sensibilizar os jovens oeirenses para a importância do voluntariado no exercício de uma cidadania activa e solidária. Incluído no Plano de Actividades para 2011, está a formalização da sua sede nas instalações do Centro Comunitário do Alto da Loba, bem como a concepção do recém-criado logótipo do BLVO. Entre os principais objectivos do Banco, destacam-se:

- Sensibilizar os cidadãos para o voluntariado;
- Acolher as candidaturas de pessoas interessadas na actividade voluntária;
- Acolher a inscrição de entidades promotoras de voluntariado;
- Proceder à aferição do perfil do candidato a voluntário, mediante a realização de entrevista;
- Encaminhar os voluntários de acordo com as características da actividade a desenvolver;
- Garantir que as entidades promotoras cumprem as obrigações legais decorrentes da actividade desenvolvida no âmbito de programas de voluntariado;
- Aferir, regularmente, com as entidades promotoras, o grau de satisfação das partes no desenvolvimento da actividade;
- Remeter, ao Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado (CNPV), relatórios das actividades desenvolvidas e estatísticas sobre o voluntariado e facultar, semestralmente, informação sobre os constrangimentos decorrentes do funcionamento do BLVO. }

BLVO, 2010 EM RETROSPECTIVA...

Total de voluntários inscritos: 167 (133M; 34H)

Encaminhamentos: 213

Colocações: 61

PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES ACOLHEDORAS

CERCIOEIRAS - Cooperativa de Educação e Reabilitação dos Cidadãos com Incapacidade

Associação Coração Amarelo - Delegação de Oeiras

Centro de Alojamento Temporário de Tercena

Ajuda de Mãe - Associação de Solidariedade Social

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

Banco Local de Voluntariado de Oeiras

Tel. 214420463 . 214404875

bvoluntariado@cm-oeiras.pt

<http://cm-oeiras.pt>

<http://europa.eu/volunteering>





ARMA/Z€N

Só se conhecem as coisas que se cativam, disse a raposa.

Os homens já não têm tempo para tomar conhecimento de nada.

Compram coisas feitas aos mercadores.

Mas como não existem mercadores de amigos, os homens já não têm amigos.

(...) A linguagem é uma fonte de mal-entendidos.

“O Príncipezinho”, Antoine de Saint-Exupéry

LUÍS MARIA BAPTISTA } *Texto*

DIOGO CASTRO GUIMARÃES / LUÍS MARIA BAPTISTA } *Fotografias*

Todos conhecemos de criança a história da formiga e da cigarra (ou da cegarrega como se chama às cigarras na minha aldeia). Da formiga que passava o verão a armazenar mantimentos para ter que comer no inverno e da cigarra que cantava e usufruía do sol e do calor sem se preocupar com o inverno, enquanto a formiga trabalhava sem parar.

Moral da história, chegado o inverno a formiga tinha que comer e a cigarra morria de fome enquanto desesperadamente pedia ajuda à formiga por não ter trabalhado no Verão. Como todas as fábulas (aparentemente) infantis, com o principal intuito de criação de valores em quem está a mudar de tamanho, a da cigarra e da formiga chama a atenção para a importância da necessidade de guardar e de armazenar em determinadas estações da nossa vida, para vicissitudes futuras, sacrificando quase sempre o presente.

Ao longo de toda a nossa vida e nas circunstâncias mais adversas intuímos esta história e tudo aquilo que nos acontece na sequência de não termos sa-

bido prever o futuro do ponto de vista daquilo que devíamos ter armazenado e não o fizemos. Culpamo-nos silenciosamente e conformamo-nos com as nossas in/competências por o não termos sabido fazer. Lembramo-nos nessa altura da história que nos contavam em criança e percebemos como ela se aplica na perfeição à nossa situação presente. Resignados percebemos que somos o resultado das nossas acções e gestos passados e que devíamos ter sabido antecipar o futuro, como alguns, as formigas, à nossa volta o fizeram. Sentimo-nos as cigarras da história infantil, castigados por termos sido felizes e aparentemente irresponsáveis em algum momento da história da nossa vida.

No entanto aqueles que não se conformam nem identificam com este ponto de vista moral da história, interrogam-se se a formiga e a cigarra não estavam a apenas a cumprir-se, a desempenhar a vocação natural do seu corpo, uma a armazenar e a outra a cantar. Se ambas não desempenhavam naturalmente o trabalho de complementaridade para o qual a natureza as tinha cria-

do. Se a formiga dotada das suas capacidades de armazenagem trabalharia de modo tão eficaz sem a companhia e as qualidades de canto da cigarra. Porquê deixar a cigarra morrer de fome no inverno, se a formiga ao som da sua cantoria armazenou muito mais do que armazenaria sem ela? Porque não pensar a história da cigarra e da formiga como uma história de amor e de atracção entre qualidades opostas, como uma empresa e uma parceria de sucesso, de solidariedade, complementaridade e trabalho criativo empenhado, em vez de a pensar como uma história de inimizade, individualismo, oportunismo, inveja e sacrifício entre duas rivais.

A história infantil da formiga e da cigarra como nos é contada é a história financeira de criação e acumulação de riqueza da nossa vida adulta repleta de bancos, poupanças, títulos, créditos e empréstimos que nos faz sentir culpados e incompetentes cada vez que pensamos nela. Que nos divide a todos em formigas e cigarras. É a história que nos avalia a todos pelas nossas capacidades de acumulação de riqueza monetária e não de produção de beleza. Que falta ao respeito a todas as formigas e a todas as cigarras ao serem avaliadas apenas pelas suas capacidades de acumulação do ponto vista da quantidade material e não pela qualidade espiritual / imaginária dessa acumulação nem pelas circunstâncias de trabalho, de exploração ou de criação humana em que se deu.

A história da cigarra e da formiga é também uma história de espaço, de antecipação de um grande espaço arquitectónico. É a história da necessidade humana de armazenagem; do espaço programático que lhe dá sentido: o armazém; e das quantidades e qualidades das mercadorias que aí se guardam conforme a função, os modos de distribuição e a razão de ser futura de cada uma delas.

No concelho de Oeiras há armazéns de todas as espécies: de produção, de material, de mercadorias, de líquidos e de distribuição. Variam conforme o tipo, a quantidade, a dimensão e o estado de transformação das mercadorias que guardam. Os armazéns que pretendo aqui tratar são de categoria diferente. Armazenam aquilo que é indispensável à manutenção informada do corpo humano: ideias artísticas como segredos à espera de aparecer em momentos próprios, em eventos e exposições públicas. São armazéns de natureza



A história infantil da formiga e da cigarra como nos é contada é a história financeira de criação e acumulação de riqueza da nossa vida adulta repleta de bancos, poupanças, títulos, créditos e empréstimos que nos faz sentir culpados e incompetentes cada vez que pensamos nela.

criativa e de acesso restrito, por causa do valor patrimonial que guardam. Localizados em espaços públicos de exposição e de cultura tais como: centros de arte, museus, galerias, teatros, palácios, bibliotecas e igrejas; e em casas privadas, autênticos armazéns-segredo invisíveis, plenos de colecções, de objectos e ideias de valor artístico, comercial e imaginário inestimável. A riqueza armazenada pública e privada do concelho de Oeiras não precisa ser dita. Existe em potência como na tradição budista zen, sob a forma de uma bela flor-arma. Facto que torna o nosso

concelho num grande e competitivo “arma/zén” da criatividade, numa realidade imediata para além de qualquer linguagem política. O arma/zén invisível que cada um é capaz de consciencializar / pressentir e essencializar no espaço físico da casa ou do território onde habita e que valoriza a cada dia que passa é a grande arma de arremesso contra a crise económica e de valores que a todos assola.

O armazém vazio: tábuas rasas ou folhas de papel em branco, reflexo do nosso estado actual de vida, é o grande espaço zen de meditação contemporânea, onde só o corpo humano re/imaculado pode entrar como primeira mercadoria instauradora de sentidos de valor à procura de solução para crise. A necessidade de reconstrução e de ressignificação da palavra “valor” associada às competências de cada um e não às mercadorias que possui tem de ser a urgência política de qualquer país.

A acumulação de mercadorias nos armazéns de alguns e a sua falta nos armazéns da maioria, são muitas vezes não só resultado do sentido de oportunidade de uma minoria sem sentido de criação, mas principalmente resultado da preguiça e da falta de responsabilidade e de consciência criativa dessa maioria.

Nesta situação ideal o valor e a quantidade de dinheiro que cada ser humano deveria possuir ao longo da vida, deveria ser directamente proporcional ao seu valor enquanto ser humano criador/ produtor de beleza, resultante do trabalho, gestos e acções essenciais que realizasse.

Não deveriam existir seres humanos sem consciência das suas responsabilidades criativas em relação à Vida. Os que acumulam dinheiro, na sua maioria, não são desta natureza. Estão mais próximos da natureza (i)moral da história infantil da cigarra e da formiga onde a acumulação do vil metal é a única fonte de prazer e de salvação humana que se esgota enquanto fim em si próprio na procura de sentido para a vida.

Urge repensar a criatividade humana e a forma de armazenamento e de re/distribuição nivelada das mercadorias dela resultantes. Há que estabelecer novas escalas de valor e de responsabilização criativa nos sistemas de trocas humanas!

Há que repensar a forma e a aparência criativa do dinheiro. Falar de dinheiro de autor, personalizado, resultante do mérito, imaginação e capacidade de cativação de cada um. Por exemplo, Antoine de Saint-Exupéry. }





ARIA RECEBE PRÉMIO GULBENKIAN BENEFICÊNCIA 2010

A ARIA – Associação de Reabilitação e Integração Ajuda foi galardoada com o Prémio Gulbenkian Beneficência 2010, em ex aequo com a Associação Mulheres Contra a Violência, com quem repartiu o prémio de 50 mil euros, valor que cabe a cada um dos Prémios instituídos em memória do Fundador e que correspondem às quatro áreas estatutárias da Fundação – Arte, Educação, Ciência e Beneficência.

O galardão foi atribuído no passado dia 20 de Julho, data em que se assinalou os 55 anos da morte do Calouste Gulbenkian, numa cerimónia aberta ao público. O júri, composto por António Barreto, Alexandre Castro Caldas, Cristina Louro, Daniel Sampaio e D. Manuel Clemente, justificou a atribuição do prémio sublinhando o “carácter inovador de intervenção e de organização” desta associação, bem como a sua dedicação a “problemas sociais muito preocupantes que, por diversas razões, não têm merecido a atenção necessária”. Entre outros aspectos, foi destacado o esforço da associação e as suas estratégias de intervenção junto das pessoas, designadamente ao nível da integração social e profissional.



O Fórum Socio-Ocupacional de Oeiras é uma valência da ARIA que privilegia a reabilitação psicossocial, como modelo de intervenção, destinada a pessoas com problemas de saúde mental, em desvantagem psicossocial, transitória ou permanentemente, incapazes de inserção em formação profissional ou emprego, social e/ou familiar. Os seus principais objectivos são:

- Melhorar as competências sociais dos utentes, reforçando as capacidades de autonomia, auto-suficiência, escolha e defesa dos seus interesses;
- Criar e manter uma rede de suporte social que dê respostas a algumas necessidades básicas, tais como habitação, relações interpessoais, emprego e tempos livres;
- Promover e fomentar a ligação com as famílias;
- Promover a qualidade de vida e saúde mental;
- Promover a ligação à comunidade;
- Promover a adesão ao processo terapêutico.

ARIA - Associação de Reabilitação e Integração Ajuda, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sem fins lucrativos, que trabalha com pessoas com problemas de saúde mental, em desvantagem psicossocial.

Foi criada em 1991, por um grupo de técnicos do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental do Hospital São Francisco Xavier e tem como objectivo principal ajudar a população-alvo a adquirir os recursos, tanto físicos como sociais, necessários à sua reabilitação e integração socio-profissional.

Os resultados podem ser consultados nos sites:
<http://www.gulbenkian.pt> e <http://www.aria.com.pt>



"A DISCRIMINAÇÃO RELIGIOSA NA PERSPECTIVA DAS CONFISSÕES MINORITÁRIAS" VENCE 1.ª EDIÇÃO DO PRÉMIO LIBERDADE RELIGIOSA

No passado dia 26 de Outubro, no Porto, marcando o encerramento da Conferência Luso-Espanhola "A Religião nas Sociedades Abertas", a Comissão da Liberdade Religiosa, sob presidência do Dr. Mário Soares, destacou a dissertação "A Discriminação Religiosa na perspectiva das Confissões Minoritárias", desenvolvida por três investigadores da Númena, com o Prémio Liberdade Religiosa 2010.

O trabalho, desenvolvido por Pedro Soares, Tiago Santos e Isabel Tomás, investigadores da Númena – Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas, foi distinguido pelo júri, «dadas as características do trabalho que revelaram uma pesquisa aprofundada de como a liberdade religiosa tem sido vivida nas igrejas e comunidades religiosas em Portugal». O Prémio Liberdade Religiosa 2010 contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e envolveu uma componente monetária, no valor de cinco mil euros, e uma componente de divulgação, assegurada pela publicação do trabalho vencedor. O júri decidiu ainda fazer uma menção honrosa ao trabalho "Reflexões iniciais sobre Liberdade Religiosa e Contrato de Trabalho", da autoria de Susana Machado.

A dissertação "A Discriminação Religiosa na perspectiva das Confissões Minoritárias" resultou da identificação, em 2008, de uma lacuna existente nos estudos sobre liberdade religiosa em Portugal – que eram quase inexistentes. Auscultando os líderes religiosos das principais confissões minoritárias, esta investigação permitiu uma primeira abordagem ao fenómeno da discriminação religiosa no nosso país. O estudo envolveu uma amostra intencional de 16 confissões cujos líderes foram inquiridos por meio de entrevistas semi-estruturadas.

As conclusões são globalmente positivas mas apontam para a existência de oportunidades de aperfeiçoamento ao nível da implementação prática da Lei da Liberdade Religiosa; ao nível das atitudes sociais prevalentes, que os inquiridos representam como não sendo tão progressivas como a legislação; ao nível da sensibilização do governo local para a questão da diversidade, nomeadamente no que respeita ao planeamento urbano; ao nível simbólico, na decorrência estrita da existência da Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa de 18 de Maio de 2004; e ao nível da perpetuação de estereótipos, não apenas mas também por via da comunicação social.



A Númena - Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas é uma associação científica sem fins lucrativos, com sede no Taguspark, que se dedica à investigação e consultoria na área das Ciências Sociais. Fundada a 5 de Janeiro de 2001, por um grupo de investigadores que já colaboravam informalmente, a Númena tornou-se o Ponto Focal Nacional da Rede de Informação Europeia sobre Racismo e Xenofobia (RAXEN). Nos seus dez anos de existência, a temática da discriminação tem sido uma das suas áreas privilegiadas de trabalho.

Os resultados podem ser consultados em <http://www.clr.mj.pt>



cafe comercial
ades / au
se / personagens / m

RUY DE CARVALHO

Homenagem a Ruy de Carvalho, no âmbito da comemoração do Dia Mundial do Teatro – 27 de Março de 2011.

A 29 de Abril de 2004 Ruy de Carvalho viu o seu nome ser atribuído ao Auditório Municipal de Carnaxide.



MOSTRA GASTRONÓMICA NO CENTRO HISTÓRICO DE PAÇO DE ARCOS

SÓNIA CORREIA } *Texto*
ALBERICO ALVES } *Fotografias*



CASA GALEGA



MENSA



AREIAS DO TEJO

No âmbito das acções de requalificação e dinamização dos centros históricos, a Câmara Municipal de Oeiras promoveu, em finais de Outubro do ano passado, a 1ª Mostra Gastronómica no Centro Histórico de Paço de Arcos. Atrair visitantes ao centro histórico dinamizando, em paralelo, o comércio local, foram os objectivos que estiveram na base da criação desta iniciativa, que contou com a participação de oito restaurantes: Gaijin, Casa da Dízima, Pátio Antico, Fornos do Padeiro, Restaurante Asiático, Casa Galega, Areias do Tejo e Mensa.

Não obstante tratar-se do primeiro evento do género realizado no Centro Histórico de Paço de Arcos e apesar das condições meteorológicas bastante adversas, a adesão de público superou largamente as melhores expectativas, com os restaurantes a servir refeições de forma ininterrupta entre o meio-dia e as onze da noite.



RESTAURANTE ASIÁTICO

GAIJIN

” Atrair visitantes ao centro histórico dinamizando, em paralelo, o comércio local, foram os objectivos que estiveram na base da criação desta iniciativa, que contou com a participação de oito restaurantes: Gaijin, Casa da Dízima, Pátio Antico, Fornos do Padeiro, Restaurante Asiático, Casa Galega, Areias do Tejo e Mensa.



FORA DE CASA

CASA DA DIZIMA

Para acolher o evento foi escolhido o Palácio dos Arcos, que é o mais emblemático edifício do centro histórico de Paço de Arcos e que, por se encontrar, regra geral, encerrado, pôde, desta forma, ser visitado por um grande número de pessoas, antes mesmo da futura reconversão em unidade hoteleira.

A 1ª Mostra Gastronómica do Centro Histórico de Paço de Arcos foi organizada em parceria com a ACECOA (Associação Comercial e Empresarial dos Concelhos de Oeiras e Amadora), facto que contribuiu para uma boa interacção com o comércio local, facilitando a dinâmica de procedimentos, logo, o cumprimento dos objectivos definidos.

O sucesso desta primeira edição deixa desde já antever a repetição do evento, no decurso do ano 2011. }



FORNOS DO PADEIRO

PÁTIO ANTICO



E você, também quer dar a cara pelo clima?
Fevereiro 2011



www.cm-oeiras.pt

